

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**O LUGAR DA ÁFRICA SUBSAARIANA NA COBERTURA DE SEUS VEÍCULOS
MIDIÁTICOS**

BEATRIZ HUMPHEYS FERNANDES MIRANDA

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**O LUGAR DA ÁFRICA SUBSAARIANA NA COBERTURA DE SEUS VEÍCULOS
MIDIÁTICOS**

Monografia submetida à Banca
de Graduação como requisito para obtenção do
diploma de Comunicação Social/ Jornalismo

BEATRIZ HUMPHEYS FERNANDES MIRANDA

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **O lugar da África Subsaariana na cobertura de seus veículos midiáticos**, elaborada por Beatriz Humpheys Fernandes Miranda.

Monografia examinada: Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Mohammed Elhajji Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Ms. Alexandre dos Santos Silva Mestrado em Relações Internacionais pela PUC-Rio

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

MIRANDA, Beatriz Humpheys Fernandes. **O lugar da África Subsaariana na cobertura de seus veículos midiáticos.** Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

MIRANDA, Beatriz Humpheys Fernandes. **O lugar da África Subsaariana na cobertura de seus veículos midiáticos.** Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Comunicação Social – Jornalismo.

RESUMO: Este trabalho busca problematizar a imagem da África Subsaariana na cobertura midiática empreendida pelos veículos de seu continente. Argumenta-se que o lugar ao qual a África Subsaariana é alocada na cobertura midiática desses veículos é, hoje, um lugar de reprodução das narrativas jornalísticas da grande mídia ocidental. Pretende-se mostrar que os motivos para essa configuração residem, sobretudo, na limitação de recursos – financeiros, técnicos, estruturais – que o jornalismo africano enfrenta. Ademais, discutir-se-á, a partir de um embasamento histórico-teórico, como esse fato ecoa uma estrutura colonial que remanesce na contemporaneidade. Diante dessa configuração, em que o jornalismo da África Subsaariana se vê “constrangido” a reproduzir o conteúdo da grande mídia ocidental, pois, o jornalismo ocidental hegemônico mantém-se privilegiado – perpetuando, em última análise, a assimetria da estrutura colonial. A fim de corroborar a hipótese, serão analisadas as matérias de três jornais: “Guiné Matin”, da Guiné; “Graphic Online”, de Gana; e “A Nação”, de Cabo Verde.

Palavras-chave: África Subsaariana; cobertura midiática da África; pós-colonialismo; mídia ocidental; representações; estereótipos; jornalismo na África; desafios dos jornalismo africano; colonialismo.

AGRADECIMENTOS

Ao Colégio Pedro II;

Ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio;

À Escola de Comunicação da UFRJ;

Ao Prof. Alexandre dos Santos, ao amigo Abdul Ly e à Mestra G'leu Cambria por me apresentarem à África, cada qual de um jeito diferente.

Aos *bhutis* e *sisis* da Nelson Mandela Metropolitan University: Tuuli, Kago, Mpho, Kevina, Mmeli, Maramg e Renate;

À Neide, à Viviane e ao Pedro;

À Bamboyá Cia. de Dança;

E ao Orum, pela perseverança e clareza em meu Ori.

SUMÁRIO

1- Introdução

2 – (Des)contextualizando a África

2.1. Continente “ahistórico”

2.2. História da África revisada

3 – A África nas representações midiáticas

3.1. O sistema de jornalismo internacional

3.2. O problemático lugar da África Subsaariana na cobertura midiática hegemônica ocidental

3.3. A prática jornalística na África Subsaariana

3.4. O lugar da África Subsaariana na cobertura midiática do continente

4 – Análise textual: a África Subsaariana em “Graphic Online”, “A Nação” e “Guinée Matin”

5- Conclusão

6- Referências bibliográficas

1 – INTRODUÇÃO

Dentre todas as possibilidades de pesquisa que o campo da Comunicação Social na academia brasileira oferece, por que a África Subsaariana? A quais motivos se deve a opção pela problemática da cobertura jornalística dessa região pelos veículos midiáticos do próprio continente? A que se deve, ainda, a escolha por um assunto cuja relevância para este campo científico ainda é questionada? Essa visão, que não confere a devida importância à relação da geopolítica com a comunicação social, ainda permanece em certos polos do pensamento acadêmico brasileiro. Nesse ambiente, a fala sobre os desdobramentos políticos das relações de poder no sistema internacional para a comunicação social - sobretudo a comunicação social nas “periferias”, como a África Subsaariana – é uma fala que ainda carece de vontade. Por conta dessa postura remanescente, que desloca esse debate para a margem e recusa a interdisciplinaridade, mantém-se um silêncio (cômodo, distraído ou até intencional) no que diz respeito ao papel da geopolítica nas representações midiáticas contemporâneas (BOND, 1997).

A fim de buscar romper com eventuais silêncios ontológicos e epistemológicos na academia – espaço, aliás, que só sobrevive com o movimento comunicativo – o trabalho monográfico em questão dedicar-se-á a um terreno pouco visitado, mas cuja abordagem faz-se altamente necessária. Dissertar sobre a África Subsaariana (aquela composta pelos países localizados abaixo do deserto do Saara, também designada como “África Negra”) no âmbito da Comunicação Social significa analisar a narrativa, a representação e a reportagem que são construídas a respeito dessa região. A análise só alcança seu propósito, entretanto, ao contemplar as relações de poder historicamente constituídas (sobretudo com a colonização e seus desdobramentos) entre o Ocidente (isto é, Europa e Estados Unidos) e a África, relações que apresentam reflexos imediatos na forma como a região estudada é, ainda hoje, representada pelos veículos jornalísticos dos países do Norte. A princípio, os ecos da dominação colonial podem não parecer evidentes na contemporaneidade. Basta, porém, um olhar atento aos signos (a linguagem, as imagens, os assuntos) que compõem a cobertura midiática (ocidental e mesmo a africana, como pretende-se mostrar) para atestar que a relação entre o arcabouço histórico e a representação midiática sobre a região é, mais do que íntima, absoluta.

Pela resistência, pelo preconceito ou pela indiferença que a academia e a sociedade ainda demonstram em relação a pesquisar e conhecer a África, fica a convicção de que abordá-la, neste estudo, é altamente necessário. Abordá-la, sobretudo, em uma universidade

brasileira, instituição que guarda a estrutura classista e racista de um passado colonial no país mais preto fora do continente africano. Colocar um debate em evidência, pois, é a única forma de fazê-lo ganhar projeção e, em última análise, torná-lo global. Seja no âmbito universitário ou no escolar, no programa de rádio, no discurso presidencial ou na mesa de bar entre amigos, é preciso falar sobre. Caso contrário, não se dá ensejo à mudança. Neste caso, trata-se de mostrar que a narrativa midiática que se faz da África, hoje, não pode, de forma alguma, ser destituída de contexto. A imagem de “África” que o Norte promove é um espelho das relações de poder historicamente construídas e sistematicamente opressoras. E essa estrutura tem, até hoje, afetado a forma pela qual a própria África tem reportado seu próprio continente (BOND, 1997).

Nos últimos anos, muito já se discutiu e se questionou sobre o lugar que a África Subsaariana ocupa na cobertura midiática hegemônica do Ocidente. Muitos, dentre acadêmicos e jornalistas, já apontaram para a problemática narrativa que o Ocidente constrói em relação à África - superficial, estereotipada, inconsistente, irresponsável -, bem como para suas consequências políticas - a manutenção de relações desiguais de poder no sistema internacional ("The West X The Rest") e a perpetuação da antiga lógica colonial. Pouco se questiona, todavia, se a mídia local (da África Subsaariana) está fazendo jornalismo de uma forma diferente. Uma vez que os veículos hegemônicos não transmitem uma compreensão fidedigna sobre a África, cria-se a expectativa de que os veículos africanos teriam o dever de produzir narrativas alternativas, que representassem os problemas, fatos e avanços da África de uma forma independente – contra-hegemônica, em última instância.

Neste sentido, este trabalho propõe-se a analisar a seguinte tese: diferente de realizar uma cobertura internacional autêntica, personalizada para seu público-alvo, grande parte dos veículos midiáticos da África Subsaariana – desde pequenos sites independentes a jornais tradicionais de maior porte – reproduz as narrativas construídas pela grande mídia ocidental. Reproduzem, pois, matérias sobre a África, para os africanos, mas originárias de uma perspectiva outsider, muitas vezes repletas de estereótipos provenientes de um olhar eurocêntrico. Os motivos para essa reprodução de conteúdo, como será apresentado adiante, residem, sobretudo, na inabilidade dos veículos africanos em competir com a cobertura ocidental em termos de estrutura, técnica e pessoal, o que, em última instância, está relacionado à carência de recursos financeiros no jornalismo africano (ALLISON, 2013)¹. As

¹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/african-journalism-stifled-lack-resources>>. Acesso em: 5/06/2017

consequências desse fenômeno são consequências políticas: na medida em que há o privilégio de um olhar sobre uma determinada realidade, há a manutenção de uma estrutura assimétrica na comunicação social, em que o Ocidente, com seu inabalável poder de influência, permanece desfrutando das vantagens do ex-colonizador, ao passo que a África fica condicionada à uma situação desfavorável e, em certa medida, de dependência, características próprias da condição do colonizado.

A fim de corroborar o argumento defendido no trabalho monográfico, realizar-se-á uma análise textual de três distintos veículos midiáticos: “A Nação”, de Cabo Verde; “Guinée Matin”, da Guiné; e “Graphic Online”, de Gana. Essa análise será realizada a partir dos diversos elementos que compõem uma matéria jornalística – desde seu título até seu conteúdo. Serão eleitos quatro produtos de cada um desses veículos, publicados entre 15 de Maio e 15 de Junho. A proposta, com esse elenco de casos, é identificar se os signos, os referenciais, os códigos e a linguagem utilizada corroboram o argumento do trabalho – de que a cobertura midiática realizada pelos veículos da África Subsaariana tende a reproduzir o conteúdo jornalístico das grandes empresas de notícia do Ocidente, no lugar de produzirem informações autênticas sobre seu próprio continente.

O estudo de caso será precedido pelo seguinte caminho argumentativo: em primeiro lugar, buscar-se-á contextualizar a representação sobre a chamada África “negra”, compreendendo a gênese de uma semiologia “estigmatizante” sobre a África a partir das primeiras narrativas ocidentais, responsáveis por alocar a alteridade africana no extremo oposto em relação ao self europeu. Por conta da abrangência do processo de colonização sobre as mais diversas esferas – da administração política à estética, à educação, etc. – as representações eurocêntricas fundaram, orientaram e determinaram a História disciplinar sobre o continente (BARBOSA, 2008). O capítulo seguinte, a propósito, versará justamente sobre os reflexos dessa política de representações na construção de narrativas jornalísticas até os dias de hoje. Pretende-se compreender a emergência e a consolidação de um sistema midiático hegemônico, liderado até hoje pelas grandes agências de notícia europeias e estadunidenses, à luz do histórico colonial. Além disso, expor-se-á de que forma essa estrutura reverbera no *modus operandi* do jornalismo africano, desde sua criação até os dias de hoje, apontando para seus desafios e limitações contemporâneas. Em seguida, o trabalho se dedica ao estudo de caso acima mencionado. Por fim, a conclusão averigua se o argumento discutido ao longo do trabalho foi corroborado com a análise das matérias dos jornais “A Nação”, “Guinée Matin” e “Graphic Online”; além disso, refletirá sobre eventuais iniciativas

midiáticas que, diferente de reproduzir o conteúdo midiático ocidental, constroem narrativas, pautas e abordagens que transmitem um outro significado para a cobertura midiática da África Subsaariana.

2 – (DES)CONTEXTUALIZANDO A ÁFRICA

O capítulo propõe compreender a criação da História disciplinar da África enquanto uma projeção eurocêntrica, fruto de uma produção de saber hegemonicamente interessada. Analisar-se-á, criticamente, as causas e as consequências políticas de uma História construída pelo olhar exógeno do Ocidente. Também será discutido como os movimentos revisionistas surgidos a partir dos anos 1970 – contexto de crescente emancipação colonial e debates afins - buscaram desmontar os paradigmas hegemônicos e ressignificar o papel do negro colonizado.

2.1. Continente “ahistórico”

Desde que o Ocidente inaugurou a modernidade e incorporou, pratica e filosoficamente, os pressupostos iluministas, a produção de conhecimento científico passou a operar segundo a seguinte normatividade:

distinção entre sujeito e objeto, e entre natureza e sociedade ou cultura; (...) concepção de realidade dominada pelo mecanismo determinista e da verdade como representação transparente da realidade; (...) separação absoluta entre conhecimento científico – considerado o único válido e rigoroso – e outras formas de conhecimento como o senso comum e estudos humanísticos (SANTOS, 2004:1).

Até a segunda metade do século XX, o paradigma positivista permaneceu dominante, inclusive, nas ciências humanas e sociais. A produção de saber científico da História, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, entre outras áreas das humanidades, desconsiderava – ainda que teoricamente - qualquer margem de subjetividade presente nesses campos de estudo; muito pelo contrário, fazer ciência necessariamente passava pela exatidão matemática dos pressupostos citados acima. Ocorre, todavia, que, “a história [assim como a sociologia, a antropologia e a psicologia] é uma ciência humana, pois ela sai bem quente da forja ruidosa e tumultuada dos povos” (KI-ZERBO, 2013: 18). O postulado positivista de uma ciência humana distanciada, objetiva, mostra-se, pois, cada vez mais frágil. Nas últimas décadas, a academia tem assistido à emergência, e, em certa medida, à consolidação de alternativas pós-positivistas, que propõem uma superação das antigas convenções, insustentáveis para as ciências sociais, e reconhecem a subjetividade como fator inseparável à produção de conhecimento dentro desse domínio.

Na segunda década do século XXI, a adesão à virada epistemológica pós-positivista é cada vez maior nas ciências humanas. As obras que discutem fenômenos sociais sob

pressupostos pós-modernos mostram-se cada vez mais numerosas. Não parece haver, pois, uma possibilidade de retorno do positivismo enquanto modelo preponderante. Muito embora o recente rumo dos acontecimentos proporcione uma perspectiva otimista em relação à agenda das ciências sociais, não é possível superar quase três séculos de positivismo em algumas poucas décadas. Muito pelo contrário, a extensa promoção, ao longo de tanto tempo, de uma apreensão muito particular dos fenômenos sociais – em outras palavras, da versão europeia - enquanto conhecimento objetivo universal repercute com força nos dias atuais – estética, política, econômica e socialmente. Reverbera, hoje, através de silenciamentos, estigmatizações e violências sobre toda forma de alteridade, isto é, toda sorte de culturas, manifestações e sistemas que não fazem parte do território simbólico e geográfico ao qual o Ocidente faz parte.

O lugar da África Subsaariana na História disciplinar moderna – a História enquanto ciência social produzida sob os moldes ocidentais - é, desde os primeiros registros europeus, o lugar da negação, da antítese, da escuridão. O legado que a História deixou para o continente é o fardo de uma suposta inferioridade, construída pela percepção ocidental dominante. Ki-Zerbo (2013) argumenta que os mais antigos registros históricos ocidentais foram cruciais para determinar e comprometer (negativamente) a imagem da África: “Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações [de pessoas] que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade, a qual foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro” (2013:17).

Essa inferioridade com que a África Subsaariana foi historicamente representada pelo Ocidente é politicamente motivada, refletindo uma configuração de poder completamente assimétrica entre o Ocidente e o Oriente (entende-se, pelo segundo termo, todos os lugares – físicos e culturais - que não se inserem nos padrões civilizacionais modernos), o que confere ao primeiro a hegemonia do saber. Como defende Said, “achar que o Oriente foi criado – ou, como eu digo, “orientalizado” – e acreditar que tais coisas acontecem simplesmente como uma necessidade da imaginação é agir de má fé. A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia” (SAID, 1990: 17).

É preciso, portanto, compreender a História institucional da África Subsaariana como projeção eurocêntrica, como fruto de uma produção de saber hegemonicamente orientada. A

propagação da visão hegemônica no âmbito da história disciplinar condenou o continente a uma imagem problemática, disforme – apesar de legítima sob as credenciais científicas -, desmoralizou sistematicamente toda a produção não-ocidental de conhecimento (inclui-se, aí, todo o arcabouço cultural, religioso, linguístico, gráfico que fosse estrangeiro ao Ocidente), legitimou relações assimétricas de poder e, sobretudo, construiu um sólido “legado epistemológico do eurocentrismo” que, segundo Laborne (2014: 157), “dificulta a compreensão do mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemologias que lhe são próprias”.

Aquilo que por muito tempo entendeu-se por “História da África”, que por muito tempo entendeu-se como o acesso de maior credibilidade ao conhecimento sobre o continente, é, em última instância, a narrativa apreendida e repassada pelos hegemônicos em forma de História disciplinar. A relação hierárquica que marca a narrativa hegemônica (inferioridade da África x superioridade do Ocidente) é passível de análise. Para tanto, vale retomar as origens desse sistema, no qual a alteridade é compreendida a partir em uma linha evolutiva civilizacional, segundo critérios específicos que variam ao longo dos tempos.

Segundo Appiah, “toda cultura humana ciente de outros povos parece ter tido opiniões sobre o que respondia pela diferença – de aparência, costumes, linguagem – entre eles” (1997: 30). Enquanto na Grécia Antiga, por exemplo, o aspecto ambiental era fator determinante para explicar a superioridade de um povo em relação a outro (“Hipócrates, na Grécia, [explica] a superioridade de seu povo em relação aos povos da Ásia (Ocidental) pela alegação de que os solos áridos da Grécia haviam forçado os gregos a se tornarem mais fortes e independentes” (Idem), surge, em meados do século XIX, uma compreensão da diferença a partir da questão racial. Nesse novo paradigma, os traços físicos e tendências característicos de um povo consistiriam em uma “essência racial”, transformando-se em referencial para avaliar em que estágio da cadeia evolutiva aquela sociedade se encontra. A partir desse sistema “científico” (aprimorado posteriormente na teoria do Darwinismo Social), a raça “primitiva” dos povos africanos justificava sua incipiente posição na escala evolutiva. Legitimava-se, assim, “uma ideia essencialmente negativa da cultura tradicional da África, anárquica, desprovida de princípios, ignorante (...) e “selvagem”” (APPIAH, 1997: 43).

Controverso desde as últimas décadas, esse sistema que categoriza e (des)qualifica as sociedades segundo um critério racial, adquire credenciais científicas no final do século XIX, torna-se hegemônico e passa a ser difundido como conhecimento legítimo. A teoria em

questão, na verdade, faz parte de um sistema mais abrangente e mais complexo, responsável por sustentar discursivamente toda a literatura hegemônica científica de História da África: o eurocentrismo. Barbosa (2008) argumenta que, diferente de um etnocentrismo, fenômeno que seria comum a todos os povos,

o eurocentrismo deve ser entendido como uma forma de etnocentrismo singular, qualitativamente diferente de outras formas históricas. Isso porque ele é a expressão de uma dominação objetiva dos povos europeus ocidentais no mundo. O eurocentrismo é aqui pensado como ideologia e paradigma, cujo cerne é uma estrutura mental de caráter provinciano, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu-ocidental (BARBOSA, 2008: 47).

Barbosa argumenta não ser possível discutir a fundação disciplinar da História sem analisar os filtros eurocêntricos pelos quais essa produção de conhecimento passava. Ao analisar a alteridade e seus fenômenos histórico-culturais, a conclusão à qual os historiadores modernos chegavam, ao assumir o pressuposto da superioridade civilizacional europeia como ponto de partida, apontava, em essência, para uma mesma situação: os demais povos do mundo vivenciam um estágio civilizacional já superado pelo povo europeu. “Estes eram vistos, então, na melhor das hipóteses, como crianças a serem educadas pelas luzes da Razão” (BARBOSA, 2008:47). Estando a Europa “à frente” na linha evolutiva, sua hegemonia, nos demais âmbitos, tornava-se justa.

Na medida em que a História moderna é produto de uma teoria que concebe todas as realidades sociais dentro de uma ideia de desenvolvimento histórico unívoco e unidirecional, uma hierarquia entre os diferentes povos é imediatamente estabelecida. A partir do momento em que o cientista social olha “para o passado de outros povos e civilizações, [e não encontra] neles a genealogia da modernidade européia-ocidental” (BARBOSA, 2008: 48), emerge uma mentalidade em que, por exemplo, “num período dominado pela agricultura mecanizada e industrializada, o pequeno camponês artesanal ou de subsistência deve ser considerado com algo anacrônico ou atrasado” (SANTOS, 2004: 38). Em última instância, normatiza-se a compreensão de realidades sociais simultâneas não serem necessariamente contemporâneas (SANTOS, 2004: 38).

A suposta superioridade ocidental permite, assim, que a Europa se torne o referencial normativo, o “dever ser”, nos departamentos econômico-social (o capitalismo); cultural (modernidade, cultura greco-romana); religioso (judaico-cristã); racial (“branca”), entre

outros. Inclusive, muitos dos filósofos que ainda hoje gozam de notoriedade nos círculos intelectuais produziram obras consoantes com essa mentalidade.

Hegel, por exemplo, foi peremptório neste ponto ao falar sobre o passado da África, que aqui interessa ressaltar. Dizia o filósofo alemão que, ao se analisar a história da África, não se poderia ali encontrar progressos e movimentos históricos. Sua conhecida conclusão, pois, considerou que a África não faria parte da “história do mundo (BARBOSA, 2008: 49).

Ainda que a História de viés positivista/evolucionista permaneça ecoando nos discursos, representações e acontecimentos do presente, além de configurar nas relações de poder, seu lugar na produção de saber científico começa a dar sinais de enfraquecimento já na primeira metade do século XX. A vontade pelo revisionismo de uma História conservadora, que durante tanto tempo promoveu a versão europeia como universalista, sob a proteção da égide científica, ganha corpo dentro da própria academia e, aos poucos, inspira intelectuais de fora, que passam a reivindicar legitimidade na História escrita pela perspectiva da alteridade. Como argumenta Barbosa, “ao se expressarem como universalistas sendo, em verdade, provincialistas, os europeus ajudaram a criar o instrumental teórico pelo qual os demais povos poderiam, tendencialmente, ressignificar a imagem que aqueles faziam de si” (2008: 51).

2.2. História da África revisada

A ruptura com a História positivista ensaia seus primeiros passos com a Escola de Annales, movimento historiográfico crítico que surge na França da década de 1930. As principais contribuições desse movimento para a revisão epistemológica no campo da História foram a adoção dos seguintes princípios: interdisciplinaridade; a perspectiva totalizante; a história problematizada. Sem essas diretrizes, argumentaria a Escola, não seria possível uma renovação da História (BARBOSA, 2008: 50). A nova proposta paradigmática foi bem recebida na academia em função, sobretudo, do contexto político de pós Primeira Guerra Mundial no qual a Europa se encontrava à época. A devastação moral e material proporcionada pelo evento eliminou todo o otimismo europeu de outrora, gerando uma crise de mentalidade dentro das sociedades europeias, que passam a repensar sua identidade, seus valores e seu papel no mundo (BARBOSA, 2008: 50). Abre-se, portanto, uma disposição para novas formas de pensamento.

É no Pós Segunda Guerra, contudo, que uma nova historiografia sobre a África Subsaariana começa a ser produzida, difundida e cada vez mais aceita. As academias

britânicas e francesas mostram-se precursoras nesse movimento de retratar a alteridade africana sob um novo ângulo. Além do *The Journal African History*, na Inglaterra, e o *Bulletin de l'Institut Français de l'Afrique Noire*, na França,

quatro livros dos anos 1950 e 60 trazem ao público um importante conhecimento introdutório sobre o assunto. São eles: (a) *A velha África redescoberta* (1959), de Basil Davidson; (b) *História dos povos da África negra* (1960), de Robert Corvenier; (c) *Breve história da África*, de R. Oliver e J. Fage (1962); (d) *História da África Negra* (1961), de Jean-Suret Canale” (BARBOSA, 2008: 51).

É o Pós Segunda Guerra, também, um marco para a nova historiografia da África por conta de um aspecto importantíssimo: inicia-se a difusão de conhecimento sobre a África produzido pelos próprios africanos. A princípio, o que motivou o surgimento dessa literatura “nativa” sobre a África foi o contexto de emancipação colonial que os povos do continente começaram a vivenciar a partir dos 1950. Tratava-se, nesse sentido, “de construir uma História que pudesse servir como instrumento de luta ideológica e política contra o inimigo colonialista” (BARBOSA, 2008: 51). Surge, nesse período, a revista *Présence Africaine*, responsável por veicular o pensamento da intelectualidade africana e diaspórica a respeito de questões sobre racismo e colonialismo. Obras engajadas, de agenda fortemente revisionista, começam a despontar pelo continente. O senegalês Abdoulaye Ly, em “*Campanhas do Senegal*” (1958), analisa o papel da África na construção do capitalismo moderno a partir de uma inversão da narrativa colonial dominante; o guinense Djibril Tamsir Niane, com “*Sudjata ou o épico mandinga*” (1960), argumenta sobre o papel fundamental da oralidade para a construção de uma historiografia fiel da África.

Para além de diversos outros historiadores africanos dignos de reconhecimento nesse trabalho, destaca-se Cheikh Anta Diop, pensador senegalês autor de uma emblemática tese afrocêntrica sobre a origem das civilizações. Indignado com a “visão de uma África sem história, cujos habitantes, os negros, nunca foram responsáveis, por definição, por um único fato de civilização” (DIALLO; SANTOS, 2008: 1), Cheikh Anta Diop desloca a África para o centro da História da civilização, transformando a África marginal, satélite, em África berço do desenvolvimento da humanidade. “E neste contexto singularmente hostil e obscurantista que Cheikh Anta Diop foi induzido a questionar, através de uma investigação científica, metodológica, os fundamentos da cultura ocidental em relação à gênese da humanidade” (DIALLO; SANTOS, 2008: 1). O afro-centrismo de Diop reside no resgate e na releitura de uma tese do século XIX, que entende o Egito como uma civilização negroide que teria sido a

origem cultural do mundo greco-romano e das demais sociedades africanas. Com esta tese, o autor buscava:

Primeiro, defender a africanidade do Egito Faraônico e, portanto, do mundo mediterrâneo antigo, de onde teria surgido a maior parte das civilizações indo-européias. Em segundo lugar, apoiar o princípio da unidade cultural africana. Isso porque, de acordo com Diop, os povos do continente africano teriam, em última instância, a mesma origem egípcia (BARBOSA, 2008: 51).

Com a multiplicação de historiadores africanos interessados em uma literatura crítica, revisionista, surgem esforços no sentido de institucionalizar e fortalecer esse movimento intelectual. Em 1965, o Congresso Internacional sobre História da África é organizado na Tanzânia com o objetivo de discutir a descolonização da historiografia africana. Em 1972, foi lançada a primeira Associação Pan-Africana de Historiadores. À medida que mais africanólogos (europeus ou africanos) ingressavam nas academias, maior era o interesse pelo ensino e aprendizado de uma nova história da África (BARBOSA, 2008: 55). É importante dizer,

que a formação intelectual dos jovens estudantes africanos nestas e outras universidades fora da África, assim como o ensino dirigido por professores europeus e estadunidenses no próprio continente, foi um fato condicionante do tipo de prática profissional que se estabeleceu entre os historiadores nativos, a partir da década de 1970. Todavia, apesar deste fato, o intento de descolonizar a História para projetar uma “verdadeira” História da África, segue sendo, aparentemente, um objetivo desta geração de historiadores africanos. (...) Os movimentos de Independência, neste sentido, foram, sem dúvida, os motivadores para a ampliação e difusão dos estudos africanos em todo o mundo (BARBOSA, 2008: 54).

Para além das obras já mencionadas, que contribuem com a reconstrução da história africana a partir de um olhar “de dentro”, é imprescindível reconhecer o legado das obras de Fanon e Memmi, que dão um passo adiante ao buscar problematizar a História a partir da experiência do sujeito colonizado. Inspirados pelo mesmo movimento de emancipação - mental, estética, política, identitária, paradigmática - em relação ao Ocidente, movimento que circulava não só na África, mas em todos os outros continentes, esses autores, diferente dos demais, preocupam-se em recontar a História a partir de uma análise sobre a condição em que se encontra o corpo colonizado (condição de dominação) e as consequências dessa situação. Ao abordarem a história de dominação para além da geopolítica, e atentarem para a colonização que ocorre em um nível “micro”, individual, os autores denunciam a perpetuação sorrateira das relações assimétricas de poder ao longo dos tempos, através da colonização

mental. Sobretudo nas obras “Os Condenados da Terra” e “Pele Negra, Máscaras Brancas”, de Fanon (1963), e “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador” (1957), de Memmi, os elementos da subjetividade, da psicologia, da emoção, são levados em conta na análise das relações metrópole-colônia historicamente construídas.

As reflexões provocadas por essas e outras obras que buscavam atender às mesmas questões inspiraram a emergência dos estudos pós-coloniais, cujas linhas de pensamentos compartilham a crença na “ruptura com a história única, sustentada pelas metanarrativas que legitimaram as ideologias do processo de colonização” (PEZZODIPANE, 2013: 87). A abordagem pós-colonial, hoje representada dentro de diversas áreas das ciências sociais, começa a se expressar nos anos 1970, a princípio em obras de literatura. Em suas críticas e temáticas, o romance pós-colonial colocava em tensão a dualidade colonizador x colonizado. No universo acadêmico, o pós-colonialismo teria sido inaugurado com “Orientalismo”, de Edward Said, em 1978. Esse foi o primeiro trabalho a assumir um valor científico que discutia a construção do mundo não-ocidental por parte do Ocidente.

Por mais que qualquer tentativa de definição do pós-colonialismo se mostre reducionista, já que seu campo de investigação é tão abrangente, é possível dizer que ele “Preocupa-se com questões de identidade e sujeito e, portanto, não pode explicar “o mundo fora do sujeito” (HALL, 2003: 336). Além disso, “o pós-colonial representa uma resposta a uma necessidade de superar a crise de compreensão “produzida pela incapacidade das velhas categorias de explicar o mundo.” (PRAKASH *apud* HALL, 2003: 124). Esse campo epistemológico mostra-se inovador, no âmbito da produção de conhecimento nas ciências sociais, ao abraçar a porosidade das fronteiras entre “sujeito” e “objeto” – o que rompe radicalmente com escolas de pensamento clássicas, onde reina incólume o positivismo.

Para Mbembe (EUROZINE, 2008)², professor de história nascido nos Camarões e um dos nomes de referência dos estudos pós-coloniais, esse terreno epistemológico ainda encontra divergências internas – sobre o que ele é, quer e o que representa. O pós-colonialismo está sendo construído à medida que avança sobre novas questões. Por isso, Mbembe acredita que não é possível chama-lo, ainda, de ‘teoria’. Em relação ao que os pesquisadores pós-coloniais compartilham, o professor defende que, mais do que uma crítica ao Ocidente, faz-se uma crítica aos efeitos da crueldade e cegueira gerados por uma

² Disponível em: <<http://http://www.eurozine.com/what-is-postcolonial-thinking/>>. Acesso em: 22/05/2017.

concepção específica de razão, de humanismo e de universalismo, concepção imposta pelo processo de colonização. Além disso, Mbembe credita aos estudos pós-coloniais o esforço de desconstrução da prosa colonial – suas formas simbólicas e representativas subjacentes ao projeto imperialista. Por fim, ele afirma que o pensamento pós-colonial vislumbra uma transformação do sistema internacional, que ocorreria quando categorias de exaltação da diferença (raciais, coloniais) forem superadas.

Em relação aos anos 1980, merece destaque a elaboração dos volumes didáticos sobre História da África idealizados pela UNESCO. O livro levou aproximadamente trinta anos para ser produzido, envolvendo 350 cientistas coordenados por um comitê formado por 39 especialistas, dois terços deles africanos, apresentando oito volumes de aproximadamente mil páginas cada. Finalizado somente em 1999, História Geral da África surgiu a partir de um pedido dos próprios países africanos em um contexto no qual a maioria já havia conquistado a emancipação colonial e desejava uma história sobre seu povo que fosse alternativa à perspectiva eurocêntrica e estereotipada (KI-ZERBO, 2013). Com a obra, pretendia-se

mudar a perspectiva e ressuscitar imagens “esquecidas” ou perdidas [da África]. Torna-se necessário retornar à ciência, a fim de que seja possível criar em todos uma consciência autêntica. É preciso reconstruir o cenário verdadeiro. É tempo de modificar o discurso” (KI-ZERBO, 2013: 18).

Segundo o guia de apresentação da UNESCO (2011) para a obra, o processo de construção de História Geral da África atendeu a quatro princípios: interdisciplinaridade, para permitir a compreensão mais aprofundada e completa dos fenômenos, trazendo campos de conhecimento que se complementam e enriquecem a didática; perspectiva africana, que produz o conhecimento através da narrativa que a própria África quer expressar sobre si, dando oportunidade à exposição das contribuições positivas da África para a humanidade; África vista em seu conjunto, valorizando os pontos de contato culturais e históricos compartilhados entre os povos africanos, buscando superar fronteiras e distanciamentos artificialmente construídos; e perspectiva cultural, privilegiando a história que valoriza os aspectos subjetivos, e se afastando da história factual, herança de um passado científico positivista. Dentro os temas presentes nos volumes da obra, encontram-se “invenção e difusão tecnológica”; “circulação de saberes e conhecimento”; “história dos diferentes povos”; “formação contínua de comunidades étnico-culturais”; e “formação de Estados”.

A nova agenda historiográfica que a África (e, em certa medida, o próprio Ocidente) começa a promover e a consolidar no terreno acadêmico na segunda metade do século XX só

é capaz de representar uma mudança de paradigma ao reestruturar toda a forma de se fazer história, desde seu ponto de partida. Como Barbosa coloca, “há de se repensar, na historiografia sobre a África, as alternativas teórico-metodológicas criadas pelos historiadores para tentar construir uma História científica em relação ao seu objeto de estudo” (2008: 58). Essa necessidade de atender ao desejo de uma narrativa renovada levou a uma produção de saber historiográfico altamente interdisciplinar. Assim, estudiosos começaram a escrever uma História da Antiguidade da África sem precedentes, ao recorrer, com minúcia, à arqueologia e à paleontologia do continente. Historiadores sobre a África Moderna e Contemporânea, nesse mesmo sentido, dialogavam com os campos da linguística e da história oral ancestral para acessar e transmitir um conhecimento melhor contextualizado. Graças a essa nova abordagem teórico-metodológica, a UNESCO foi capaz de trazer, em aproximadamente oito mil páginas, conhecimento mais consistente sobre a África, desde a sua pré-História até o final do último século.

É de grande valor a contribuição dos movimentos revisionistas historiográficos que, desde os anos 1960, têm interrogado e desmoralizado a narrativa eurocêntrica hegemônica. Ainda que esses movimentos não tenham podido erodir os pilares do discurso ocidental imperante, suas teses inquestionavelmente instabilizaram as estruturas conservadoras. Uma vez que a ideia da mudança foi fundada e disseminada, desfazê-la é impossível. Ao passo que nasce e se desenvolve uma nova História da África, tanto mais africana, quanto mais humana, o sujeito africano desmistifica-se sob o olhar estrangeiro, torna-se pluridimensional.

A história é uma fonte na qual poderemos não apenas ver e reconhecer nossa própria imagem, mas também beber e recuperar nossas forças, para prosseguir adiante na caravana do progresso humano. (...). Viver sem história é ser uma ruína ou trazer consigo as raízes de outros. É renunciar à possibilidade de ser raiz para outros que vêm depois (KI-ZERBO, 2013:24).

3 – A ÁFRICA NAS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS

O capítulo discutirá de que forma a hegemonia do Ocidente se manifesta na comunicação social, buscando argumentar que a existência de um sistema de comunicação imperante sobre os demais, que goza de mais credibilidade, que impõe a normatividade, não pode ser dissociada das relações desiguais de poder, historicamente consolidadas com o processo de colonização. Serão analisadas as causas, desdobramentos políticos e a continuidade das problemáticas representações midiáticas sobre a África Subsaariana no jornalismo ocidental contemporâneo. Ao final desta seção, será apresentada e desenvolvida a hipótese do trabalho: os veículos de maior proeminência da África Subsaariana, ao reportar o continente, no lugar de veicularem narrativas midiáticas autênticas, reproduzem o discurso hegemônico ocidental.

3.1. O sistema de jornalismo internacional

As últimas décadas do século passado assistiram a uma série de esforços de ressignificação, renovação e rompimentos em relação ao lugar da África dentro da historiografia clássica. Ainda que esses movimentos tenham sido responsáveis pelo surgimento de uma dinâmica onde o sujeito africano reapropria-se de sua História, afirmar a superação da interpretação eurocêntrica, nos mais diversos domínios culturais, é equivocado. Produto discursivo da hegemonia ocidental, o eurocentrismo construiu, moldou e deu sentido à toda sorte de manifestações humanas, posicionando essas apreensões como verdades universais. Esse sistema faz surgir efeitos problemáticos na forma como o mundo não-ocidental é enxergado hoje, sobretudo no que diz respeito às representações midiáticas.

Por representação, entende-se “o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura” (FREIRE, 2004: 9). A imagem conservadora que a África Subsaariana ainda hoje carrega, seja no campo estético, filosófico, político, reflete a forma como o continente foi historicamente registrado. Chinua Achebe, renomado autor nigeriano de “O Mundo se Despedaça”, argumenta que a valorização de obras literárias eurocêntricas é uma das razões para a perpetuação das representações estigmatizadas sobre a África nos dias contemporâneos. Ao problematizar a retórica por trás do romance “O Coração das Trevas”, de Joseph Conrad, Achebe traz a seguinte provocação:

Ninguém pode ver a arrogância absurda e perversa que reduz a África ao papel de adorno para uma pequena mente européia? Mas esse não é o ponto. A verdadeira questão é a desumanização da África e dos africanos, prática

antiga que continua a ser promovida no mundo. E a questão é se um romance que celebra esta desumanização, que despersonaliza uma porção da raça humana, pode ser chamada de uma ótima obra de arte (ACHEBE, 1977: 8)³.

Segundo Ayisi e Brilla (2014: 125), as origens de uma representação midiática incompleta, estereotipada em relação ao continente encontram-se nos retratos opressivos que o colonizador construiu historicamente sobre a região, retratos cujo teor foi exaustivamente reproduzido. Moumouni (2013: 156) faz coro a essa visão, dizendo que as representações sobre a África ainda são insuficientes, incompletas porque “as raras explicações fornecidas são revestidas de preconceitos pós-coloniais”. Essas primeiras representações, que situavam a África em um terreno semântico absolutamente antitético à Europa, terreno da ausência de civilização, teriam implicações cruciais em relação à natureza da memória e da consciência engendrada nas pessoas. A África enquanto ícone da pobreza, da fome, da miséria e do exotismo, por consequência, permanece a ser reproduzida na cobertura midiática.

A imagem que a África Subsaariana assume no jornalismo internacional mainstream, produzido pelos países do Norte, é revestida de um etnocentrismo herdado do histórico de violência analisado acima. Para além da dimensão física, a violência, aqui, assume um sentido simbólico muito relevante. Essa “África” eurocentricamente construída reflete uma política de representação fundada em estereótipos. O estereótipo, como argumenta Freire (2004: 10), transforma-se em ferramenta de poder à medida que se alinha com a visão hegemônica daquele tempo, inviabilizando o fortalecimento de imagens alternativas no “campo de batalha” da representação:

os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, in extremis, letais (FREIRE, 2004: 10).

Essa violência discursiva se fez presente, ao longo dos últimos anos, sob as mais diversas formas, nos mais variados âmbitos. No campo da produção cultural, da publicidade, das relações internacionais, da ciência, do turismo, do mercado financeiro, construiu-se, historicamente, uma retórica que estigmatiza a realidade da região. A cobertura da África pela grande mídia estrangeira, por consequência, é amplamente condicionada a essas categorias,

³ Tradução da autora. “Can nobody see the preposterous and perverse arrogance in thus reducing Africa to the role of props for the break-up of one petty European mind? But that is not even the point. The real question is the dehumanization of Africa and Africans which this age-long attitude has fostered and continues to foster in the world. And the question is whether a novel which celebrates this dehumanization, which depersonalizes a portion of the human race, can be called a great work of art” (ACHEBE, 1977:8).

reeditando um conteúdo muitas vezes raso, descontextualizado, carente de pesquisa e de polifonia (AYSI; BRILLA, 2014: 126).

O sistema hegemônico de notícias contemporâneo é sustentado por uma seleta estrutura de agências internacionais, e começou a ser construído já no século XIX. As agências de maior influência do século XX (Associated Press, Agence France Press, Reuters e United Press) eram conhecidas como *Big Four*, sendo a segunda liderada pela França e as demais pelos Estados Unidos; juntas, detinham 90% da veiculação de notícias internacionais do mundo. Ainda que esse número tenha diminuído devido à proliferação de diversas plataformas de notícia na Internet, essas agências francesas e estadunidenses, junto com outras, alemãs e britânicas, ainda atuam como grandes “geradoras e distribuidoras” de notícia em escala mundial. Veículos do mundo inteiro, de todos os continentes, compram conteúdo produzido exclusivamente por um ponto de vista ocidental. Na grande maioria das vezes, esse conteúdo não é sequer adaptado, revisado ou editado, mas simplesmente reproduzido tal como as agências originalmente publicaram. Constatase, assim, a existência de um sistema de comunicação imperante sobre os demais, que goza de mais credibilidade, que impõe a normatividade e é globalmente entendido como centro irradiador de notícias (NEW INTERNATIONALIST, 1981)⁴.

A manutenção de um jornalismo internacional que, até agora, pouco fez para renovar suas credenciais de abordagem das pautas – ao menos no âmbito da cobertura jornalística da África Subsaariana) – indica, no mínimo, que há pouco vontade política para a transformação da imagem que é veiculada sobre o continente. É possível dizer que a indisposição desse jornalismo com uma mudança efetiva de repertório sobre as regiões “periféricas” é, na verdade, uma indisposição política e econômica. Hagos (*apud* OGUH, 2015: 14) afirma que a imprensa estadunidense negligencia a África pelo fato de o continente não ser estrategicamente interessante. Segundo o autor, a África só recebe uma cobertura midiática de maior porte quando há um evento que afeta diretamente a agenda norte-americana. Oguh (2015: 14) argumenta que, surpreendentemente, a ação das Organizações Não-Governamentais também contribui com esse sistema ao apelar para imagens estigmatizadas da África (de crianças-soldado, de fome, etc.) e as veicular para as populações do Ocidente a fim de arrecadar fundos. No entanto, a África encontra-se às margens da grande mídia, sobretudo, porque:

⁴Disponível em: <<http://https://newint.org/features/1981/06/01/four/>>. Acesso em: 8/05/2017.

Os meios de comunicação da mídia ocidental são corporações impulsionadas pelo lucro. Como resultado, os interesses comerciais geralmente moldam o retrato ocidental de eventos mundiais. Em outras palavras, a mídia ocidental sensacionaliza a África e outras regiões em desenvolvimento, a fim de controlar a atenção do público para satisfazer os interesses comerciais (OGUH, 2015: 13).⁵

As organizações de comunicação europeias e norte-americanas são as maiores responsáveis pela produção da informação que é lida/assistida no mundo. São elas as verdadeiras centralizadores de notícia, fontes às quais os veículos frequentemente recorrem. A forma como esse sistema global de notícias internacionais opera acarreta um cenário onde pessoas das mais diversas origens acessam uma notícia a respeito de um determinado acontecimento cuja apuração, elaboração e enfoque veio de um ponto de vista estrangeiro. Em última análise, uma notícia que foi elaborada a partir de uma agenda exógena. Com base nessa percepção, cabe analisar o lugar da África na cobertura da grande mídia a partir da teoria *agenda-setting*. Desenvolvido pelos estadunidenses McCombs e Shaw em 1972, o modelo acredita que as mídias exercem um papel central na formação de opinião pública ao chamar atenção da audiência para eventos específicos, em detrimento de outros. O tempo e o espaço disponíveis são limitados; impossibilitadas de contemplarem todos os eventos do mundo em sua cobertura, as mídias escolhem os assuntos e as abordagens a serem veiculadas. Essas escolhas imediatamente determinam um calendário de eventos e uma hierarquia entre os sujeitos. Assim, o público apreende um evento de acordo com a cobertura que aquela mídia lhe dá (MOUMOUNI, 2003: 159).

Os meios de comunicação ocidentais ditam aos seus públicos-alvo (consumidores passivos da coisa africana) aquilo em que eles devem centrar a sua atenção. Se perguntamos a essas audiências sobre os acontecimentos mais importantes da notícia africana nos últimos meses, podemos supor que a maioria deles falam principalmente da guerra civil na Costa do Marfim. Poucos mencionam as estratégias de implementação da Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD) e outros temas cruciais para a democracia e desenvolvimento na África (MOUMOUNI, 2003: 160).⁶

⁵ Tradução da autora. “Western media outlets are corporations, which are driven by the profit motive. As a result, commercial interests often shape Western portrayal of world events. In other words, Western media sensationalizes Africa and other developing regions in order to command their audience’s attention to satisfy commercial interests” (OGUH, 2015:13).

⁶ Tradução da autora. “Ainsi, les médias occidentaux dictent à leurs audiences (consommatrices passives de la chose africaine) ce sur quoi elles doivent concentrer leur attention. Si on sonde ces audiences sur les événements les plus importants de l’actualité africaine de ces derniers mois, on peut présumer que la plupart d’entre elles parleront au premier chef de la guerre civile en Côte d’Ivoire. Rares sont ceux qui mentionneront les stratégies

Levando em conta que a mídia hegemônica projeta seu discurso não só para as audiências ocidentais, mas para a africana também, constata-se uma situação onde a própria realidade é apreendida a partir da agenda e dos interesses de outrem. Se “o poder e a influência das narrativas midiáticas são evidentes em seu papel de definir o que é a realidade” (TALBOT *apud* OLAWUYI, s.d.: 1), e influenciar na construção de identidade (MAIA *apud* OLAWUYI, s.d.: 3), o processo mostra-se extremamente nocivo e até perverso por levar, por exemplo, uma mulher moradora de Gugulethu, uma favela da Cidade do Cabo, na África do Sul, a ler sobre moradias irregulares em Luanda, na Angola, em um jornal local que compra da *Reuters* notícias sobre os outros países da África. Reside, nessa estrutura, uma violência discursiva em que a grande mídia não somente informa seu público imediato sobre eventos locais e internacionais, mas também serve o “menu de notícias” para o resto do mundo, sobre o resto do mundo (OLAWUYI, s.d.: 5). Assim, ela transmite sua representação unidimensional e incompleta para o Ocidente e para os próprios africanos.

Outro ponto que caracteriza esse sistema global de transmissão de notícias e que reforça essa lógica eurocêntrica é a presença pouquíssimo expressiva de correspondentes internacionais dos grandes veículos midiáticos na África Subsaariana. Enquanto esses veículos enviam, há muitos anos, dezenas de seus jornalistas para corresponderem nos demais países europeus, na América do Norte e até mesmo na América Latina, o número de representantes desses jornais no continente africano é infinitamente menor. Por vezes, as empresas mantêm, por anos, um único correspondente para cobrir a totalidade da região (isto é, uma única pessoa para dar conta dos acontecimentos de 54 países).

Muitos dos principais meios de comunicação ocidentais cobrem apenas uma parte de toda a África – que tem mais de 28 milhões de quilômetros quadrados. O correspondente costuma se basear em Joanesburgo ou Nairobi, mas é enviado ‘de paraquedas’, de uma hora para outra, ao Níger, Somália ou a onde a próxima crise eclodir. Na melhor das hipóteses, os maiores veículos têm dois ou três correspondentes regionais na África, cada um responsável por 10 a 15 países (SEAY, 2012).⁷

de mise en œuvre du Nouveau partenariat pour le développement de l’Afrique (NEPAD) ou d’autres sujets cruciaux pour la démocratie et le développement en Afrique” (MOUMOUNI, 2003:160).

⁷Tradução da autora. “Beaucoup de grands médias occidentaux n’affectent qu’un seul correspondant à toute l’Afrique —plus de 28 millions de kilomètres carrés. Il ou elle est basé(e) à Johannesburg ou Nairobi, mais devra être parachuté(e) d’une minute à l’autre au Niger, en Somalie ou dans le pays où éclatera la prochaine crise. Au mieux, les plus grandes publications ont deux ou trois correspondants régionaux en Afrique, chacun responsable de 10 à 15 pays” (SEAY, 2012).

Na grande maioria das vezes, os correspondentes de todos os veículos concentram-se em Johannesburgo, na África do Sul (aquele que seria o país “mais desenvolvido” do continente). Vez ou outra, os veículos decidem enviar um representante para Nairóbi, no Quênia; ou Lagos, na Nigéria. O resultado disso é a incapacidade da mídia hegemônica em ser uma fonte de informação credível e confiável, sobretudo no que diz respeito às questões da África (MAZURI *apud* OLAWUYI, s.d.: 5).

É preocupante, portanto, o explícito desinteresse com que o Ocidente vê a área. A escassez de correspondentes não se dá pela baixa eminência de fatos noticiáveis – o que seria uma falácia, posto que a África é imensa e incrivelmente diversa. A mesma ocorre, na verdade, pela existência de uma agenda jornalística, onde a África se encontra no fundo das prioridades (MOUMOUNI, 2003). Novamente, a composição dessa estrutura hegemônica de comunicação global deve sua estabilidade a um sistema eurocêntrico que perdurou durante os últimos séculos. O estabelecimento de um sistema tão poderoso, que cobre acontecimentos do mundo inteiro em favor de uma perspectiva ocidental, não teria sido possível sem a existência de uma relação duradoura de poder, por meio da qual o ocidente garante seus privilégios até hoje.

3.2. O problemático lugar da África Subsaariana na cobertura midiática hegemônica ocidental

O que vem sendo discutido neste capítulo é que a imagem e o texto promovidos pela mídia hegemônica a respeito da África são reflexo direto das representações que o Ocidente fez circular durante tanto tempo, representações de cunho racista, eurocêntrico. A partir de agora, faz-se pertinente analisar o modo como essas representações se manifestam no produto jornalístico propriamente, apurando a abordagem dada à África nos veículos mainstream.

Um estudo realizado em 1995 mapeou o fluxo internacional de notícias durante duas semanas, analisando a cobertura internacional de jornais em 44 países (WU *apud* NOTHIAS, 2012: 54). As estatísticas mostraram 722 matérias relacionadas à África, o que equivale a 1,67% do total de artigos da cobertura internacional – número ínfimo, considerando que o continente africano possui mais de 15% da população mundial. Outra pesquisa, realizada no início dos anos 2000, analisou a geografia da cobertura internacional em 17 países e apontou para o mesmo resultado: países da África Subsaariana permanecem ausentes da agenda midiática, a não ser que uma crise atraísse a atenção dos jornais do Ocidente (WILKE ET AL.

apud NOTHIAS, 2012: 54). Em uma análise quantitativa sobre o retrato da África na cobertura jornalística do *The New York Times* entre 1955 e 1995, Schraeder e Endless (*apud* OGUH, 2015: 8) concluíram que 73% de todos os artigos publicados nesse intervalo eram predominantemente negativos em relação à política e à sociedade do continente; em 1985, esse índice chegou a 95%. Finalmente, um levantamento realizado por Biko et al. (*apud* OGUH, 2015: 8) constatou que a cobertura no *The New York Times* e no *The Washington Post*, entre Março e Agosto de 2000, apresentou 89 matérias sobre a África, sendo aproximadamente 74 de cunho negativo.

Em sua edição de Setembro de 1992, a revista norte-americana *Time* publicou em sua capa “A Agonia da África”, reportagem onde se lia o seguinte trecho:

A África tem um gênio para os extremos, para o início e o fim. Parece simultaneamente ligada a alguma memória do Éden e a uma certa antecipação do Apocalipse. Em nenhum lugar é mais vívido o dia ou a noite mais escura. Em nenhum lugar as florestas são mais exuberantes. Em nenhum outro lugar há um mais infeliz continente. A África –a África subsaariana, pelo menos - começou a se parecer com uma enorme ilustração da teoria do caos, embora alguma esperança se forme nas margens. Grande parte do continente se transformou em um campo de batalha: AIDS ea superpopulação, pobreza, fome, analfabetismo, corrupção, ruptura social, fuga de recursos, cidades superlotadas, secas, guerras e falta de moradia para os refugiados de guerra. A África tornou-se o caso perdido do planeta, o “Terceiro Mundo do Terceiro Mundo”, um vasto continente em queda livre (MORROW *apud* MOUMOUNI, 2003: 152).⁸

A partir do que foi apresentado acima, os contornos pelos quais a África foi retratada na cobertura midiática convencional do século XX apontam não somente para uma atividade sistemática de sub-representação, orientada na reprodução de estereótipos históricos, mas para uma cultura de pessimismo em relação ao continente e à sua habilidade de superar seus problemas. Enraizada na cobertura hegemônica internacional, essa cultura fundou o conceito de “afro-pessimismo”, isto é, a tendência a homogeneizar a “tragédia africana” e a pensar que a África não possui nem vontade política, tampouco capacidade para lidar com seus problemas (ALHUWALIA *apud* NOTHIAS, 2012: 55). O afro-pessimismo é constituído por

⁸ Tradução da autora. “Africa has a genius for extremes, for the beginning and the end. It seems simultaneously connected to some memory of Eden and to some foretaste of apocalypse. Nowhere is day more vivid or night darker. Nowhere are forests more luxuriant. Nowhere is there a continent more miserable. Africa – sub Saharan Africa, at least – has begun to look like an immense illustration of chaos theory, although some hope is forming on the margins. Much of the continent has turned into a battleground of contending dooms: AIDS and overpopulation, poverty, starvation, illiteracy, corruption, social breakdown, vanishing resources, overcrowded cities, drought, war and homelessness of war’s refugees. Africa has become the basket case of the planet, the “Third World of the Third World”, a vast continent in free fall” (MORROW *apud* MOUMOUNI, 2003: 152).

cinco princípios: a essencialização, que diz respeito à generalização da ideia sobre o continente a partir de conceitos como conflitos tribais, desastres humanitários, guerra civil, AIDS, etc.; a racialização, que constrói uma relação direta entre a raça negra e as tragédias no continente; a seletividade, em que a maioria das narrativas veiculadas carrega um teor negativo; o ranking etnocêntrico, em que a África é reportada sob uma ótica civilizacional eurocêntrica; e a predição, em que a perspectiva de futuro para o continente passa por uma construção negativa. A experiência vivida pelo jornalista George Alagiah parece confirmar a manifestação e a institucionalização do afro-pessimismo na construção do conteúdo jornalístico. Em entrevista ao jornal *The Guardian*, em 1999, Alagiah declarou:

Para a maioria das pessoas que constroem sua visão de mundo a partir da TV, a África é um lugar distante onde as pessoas boas são famintas, as pessoas más governam, e o caos e a anarquia são a norma. Meu trabalho é dar uma imagem mais completa. Como correspondente estrangeiro, eu tenho um amargo remorso de ter feito um desserviço à África muitas vezes, mostrando o pior do continente - raramente mostrando seu lado florido (ALIGIAH *apud* NOTHIAS, 2012: 57).⁹

Muito embora a autorreflexão crítica levantada por Alagiah tenha representado um passo significativo em direção a um novo discurso jornalístico sobre a África, o título que o *The Guardian* deu a essa entrevista – “Nova luz ao Continente da Escuridão”- é a evidência de que, pelo menos até o final dos anos 1990, o estigma sobre a África ainda estava enraizado na retórica midiática (NOTHIAS, 2012: 57).

Pode-se dizer, também, que a cultura do afro-pessimismo na cobertura mainstream nos últimos anos tem se sustentado devido à hegemonia do paradigma neoliberal. Segundo Garrett e Schmidt (*apud* NOTHIAS, 2012: 55), a afirmação desse novo paradigma dá ensejo a um novo parâmetro de progresso, no qual as sociedades passam a ser avaliadas segundo os critérios balizadores do neoliberalismo, como livre comércio, ajuste estrutural, Estado mínimo, entre outros. Por não atender a esses princípios, correspondentes ao progresso pós-moderno, o continente africano ficaria “para trás”, destituído de qualquer perspectiva de chegar no mesmo patamar que os países do Ocidente. A alusão dessa mentalidade às teorias evolucionistas do século XIX é inevitável. O mais problemático, no entanto, é a força dos

⁹ Tradução da autora. “For most people who get their view of the world from TV, Africa is a faraway place where good people go hungry, bad people run government, and chaos and anarchy are the norm. My job is to give a fuller picture. I have a gnawing regret that, as a foreign correspondent, I have done Africa a disservice too often showing the continent at its worst and too rarely showing it in full flower” (NOTHIAS, 2012: 57).

paradigmas neoliberais em pleno século XXI, estabelecendo uma escala evolutiva entre as distintas sociedades a partir dos valores de mercado – tal como a teoria de Francis Fukuyama, com *O Fim da História e o Último Homem* (*apud* NOTHIAS, 2012), onde as democracias ocidentais liberais seriam o estágio final da narrativa de progresso. Nesse sentido, é possível afirmar que o afro-pessimismo:

Aparece como derivado de um discurso de medição padrão que avalia as “falhas” do continente de acordo com normas estabelecidas pelo Ocidente, implicando na existência de um problema 'africano' cultural e essencial. O afro-pessimismo, portanto, tem sido referido como um fenômeno pós-colonial que atesta o impacto contínuo do colonialismo nos discursos contemporâneos (SCHMIDT; GARRETT *apud* NOTHIAS, 2012: 55).¹⁰

O estigma que acompanha a cobertura midiática hegemônica também pode ser entendido pela construção de mitos em torno da realidade africana, mitos conformados à maneira da historiografia eurocêntrica. Esses mitos seriam responsáveis pela fundação dos estereótipos associados à África, bem como pelo suporte do tom e da mensagem desses estereótipos (HART *apud* OGUH, 2015: 9). Segundo Hart, há dez mitos que categorizam a maioria dos estereótipos sob os quais a África é retratada na cobertura ocidental: o mito da ausência de progresso, que entende o continente como defasado, isolado do processo global, sem contribuições significantes para a arte, tecnologia, negócios, política, etc.; o mito do presente atemporal, que promove a ideia de que a África é inerte, imutável, e não teria evoluído; o mito do exótico/do primitivo, em que toda a manifestação cultural africana é tida como exótica e, em última instância, inferior; o mito da tradição e dos rituais, que entende o culto à ancestralidade como algo imutável, constante, estável; mito da continuidade, que sugere a homogeneidade da África; mito da ausência de história, que pressupõe a África como um lugar estático e, conseqüentemente, onde nada acontece; mito sobre a geografia, sugerindo que o continente se resume a desertos e a selvas, sem cidades modernas; mitos sobre a população, que ora retrata a África como superpopulosa, ora como continente “inabitado”; mito da pobreza, que promove a ideia de que a maioria dos africanos é pobre e desamparado; e o mito da desesperança, que veicula a África como uma “causa perdida”.

Especificamente em relação ao processo de seleção de pautas e elaboração das matérias no sistema jornalístico mainstream, Mezzana (*apud* OGUH, 2015: 12) aponta para

¹⁰ Tradução da autora. “Appears as deriving from a discourse of measurement standard, which assesses the failures of the continent against standards established by the West, thus ultimately implying the existence of a cultural and essential ‘African’ problem. Afro-pessimism has therefore been referred to as a postcolonial phenomenon that attests of the ongoing impact of colonialism on contemporary discourses” (SCHMIDT; GARRETT *apud* NOTHIAS, 2012: 55).

algumas práticas recorrentes, as quais acabam por produzir certas representações sobre o continente africano. Tais práticas seriam: seleção/omissão de assuntos, em função da lógica de agenda setting; descontextualização, em que os fatos referentes à África são dissociados de um pano de fundo histórico, político, social e cultural; abordagem sensacionalista, em que a África só vira destaque em situações de crise, conflito, epidemia, etc.; supersimplificação, com a atribuição de clichês e esquemas rasos aos eventos na África; desumanização, em que a África é retratada a partir de entidades, governos, processos abstratos, em detrimento de um enfoque individual; uso de oposições binárias para descrever situações complexas (ex.: primitivo x moderno); uso de sinédoque, em que a parte passa a representar o todo; e o abuso de termos específicos para designar a África, como “tribal”, “selva”, “animismo”.

O lugar que a África Subsaariana ocupa na cobertura midiática hegemônica, no entanto, não seria produto exclusivo da agência ocidental. Segundo Olawuyi, os próprios africanos contribuíram para a consolidação dessa imagem problemática, e isso provavelmente pode ser atribuído aos séculos de colonialismo, que acabaram por gerar a desumanização da personalidade africana, de tal forma que os africanos começaram a duvidar de sua própria humanidade (OGBOBO *apud* OLAWUYI, s.d.: 7). A emancipação das colônias africanas, a partir de meados do século XX, trouxe aos novos cidadãos africanos um cenário um tanto quanto distinto das suas expectativas. A realidade que sucedeu em grande parte dos países foi a do neocolonialismo, má administração política, militocracia, corrupção e colapsos econômicos, e isso teria frustrado a autoestima do sujeito africano, desmoralizando sua imagem dentro e fora do continente.

A África teria contribuído na construção da imagem estigmatizada do continente através da própria literatura produzida na diáspora, que ecoava a descrença, o ceticismo em relação à prosperidade do continente. Nas palavras do escritor nigeriano Ben Okri, a África é como “uma típica criança Abiku, nascida para morrer politicamente, economicamente e socialmente” (KEHINDE *apud* OLAWUYI, s.d.: 8). Para seu conterrâneo Biyi Bandele-Thomas, o continente é uma “expressão figurativa para desastre, guerras, conflitos, subdesenvolvimento e miséria” (KEHINDE *apud* OLAWUYI, s.d.: 8).

A leitura da África "tanto pelos africanos 'em casa' quanto os da diáspora, muitas vezes, como um continente a chafurdar na "decadência neocolonial", segundo Kehinde (2005: 2), é a razão para a etiqueta popular afro-pessimismo. Não é de surpreender, portanto, a metáfora de Achebe de que “a

África é para a Europa como a imagem é para Dorian Gray” (OLAWUYI, s.d.: 8).¹¹

Por outro lado, entender a imagem da África na mídia ocidental sob o ângulo do afro-pessimismo, do estigma, do eurocentrismo consistiria, para alguns, em uma falácia. Para alguns comunicólogos, jornalistas e demais pesquisadores do tema, há um desgaste e uma obsolescência na afirmação de que a mídia hegemônica “subrepresenta” a África. Em seu artigo “How not to write about writing about Africa”, publicado pelo Huffington Post em 2012, Martin Scott, pesquisador no departamento de Mídia e Desenvolvimento Internacional da University of East Anglia, trouxe a seguinte colocação:

A narrativa central em quase todos os comentários a respeito dessa tese começa com uma série de reivindicações gerais sobre como a cobertura de notícias ocidental de África é estereotipada, 'negativa', esporádica, marginalizada, imprecisa e / ou com carência de contexto e análise. Estas declarações arrebatadoras são sustentadas com uma anedota ou exemplo - geralmente baseando-se nos piores exemplos recentes de cobertura. O argumento então se move rapidamente para oferecer explicações para essa cobertura 'negativa'. A referência é normalmente feita aos interesses geopolíticos e rotinas jornalísticas e práticas. A narrativa termina com um apelo para a cobertura de futuro para refletir melhor a face 'verdadeira' da África (SCOTT *apud* Oguh, 2015: 17).¹²

Scott buscou corroborar essa hipótese - a qual supõe que a ideia de marginalização da África na cobertura ocidental não se sustenta e carece de evidências empíricas -, ao analisar, em 2009, o conteúdo veiculado pelos seis maiores jornais do Reino Unido – The Guardian, Daily Telegraph, Daily Mail, Daily Express, The Sun e Daily Mirror. Os resultados mostraram, no intervalo analisado (15 dias), a África em 155 artigos – comparados aos 292 sobre Estados Unidos e os 74 referentes à China. Nessa pesquisa, ele concluiu que a cobertura

¹¹ Tradução da autora. “The reading of Africa “by both Africans at home and those in the Diaspora, all too often as a continent wallowing in neo-colonial decadence” according Kehinde (2005:2), is the reason for “the popular tag, ‘Afro-pessimism.’ Not surprisingly, therefore, the image of “Africa is to Europe as the picture is to Dorian Gray” Achebe states” (OLAWUYI, s.d.: 8).

¹² Tradução da autora. “The central narrative in almost all of this commentary begins with a series of broad claims about how Western news coverage of Africa is stereotypical, ‘negative,’ sporadic, marginalized, inaccurate and/or lacking in context and analysis. These sweeping statements are then seemingly supported with an anecdote or example – usually drawing on the very worst recent examples of coverage. The argument then quickly moves on to offering explanations for this ‘negative’ coverage. Reference is usually made to geopolitical interests and journalistic routines and practices. The narrative ends with an appeal for future coverage to better reflect the ‘true’ face of Africa” (SCOTT *apud* OGUH, 2015: 17). Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/martin-scott/how-not-to-write-about-wr_b_1597690.html>. Acesso em: 12/05/2017.

da mídia britânica sobre os acontecimentos na África seria, na verdade, “encorajadora” (OGUH, 2015: 17).

Muito embora a cobertura pareça, de fato, “encorajadora” em termos absolutos (afinal, 155 artigos em 15 dias traduz uma visibilidade significativa da África na mídia ocidental), deve-se destacar que um continente inteiro obteve menos reportagens na mídia britânica do que os Estados Unidos sozinho. Em outras palavras, 55 países, juntos, não atendem a critérios de noticiabilidade suficientes para competir com um único país do Ocidente, realidade que entra em consonância com o modelo de *agenda-setting*, exposto e analisado na seção anterior desse trabalho. Além disso, a conclusão de Scott torna-se questionável por conta do recorte temporal extremamente curto (duas semanas). Afirmar a presença da África na cobertura ocidental como “encorajadora” com base nesse período de tempo, mostra-se, assim, uma constatação pouco acurada, frágil (OGUH, 2015: 17).

Há, ainda, autores que discordam do afro-pessimismo na mídia hegemônica através do argumento de que a cobertura negativa da África não seria uma distorção ou um silenciamento, mas um reflexo, um retrato do que existe de fato no continente. Na visão de Robert Guest, antigo editor da revista *The Economist* para a seção sobre África: “O motivo pelo qual jornalistas reportam que a África está sendo destruída pela guerra, fome e epidemias é porque a África está sendo destruída pela guerra, fome e epidemias. Eles deixarão de reportar isso quando esse cenário não for mais verdadeiro”¹³ (NOTHIAS *apud* OGUH, 2015: 18). Entretanto,

fica claro que a África não é o único continente onde a guerra, a doença e a fome ocorrem em grande escala. A maioria das partes da América Latina, Oriente Médio e Ásia sofreram e ainda estão sofrendo com conflitos, corrupção, doenças, etc. No entanto, essas regiões nunca foram rotuladas como “lugar sem esperança”, “lugar sem solução” ou “lugar dependente” (Oguh, 2015: 20).¹⁴

¹³ Tradução da autora. “The reason (journalists) report that Africa is plagued by war, famine and pestilence is that Africa is plagued by war, famine and pestilence. They will stop reporting this when it stops being true” (NOTHIAS *apud* OGUH, 2015: 18).

¹⁴ Tradução da autora. “what is clear is that Africa is not the only continent where war, disease, and famine occur on a large scale. Most parts of Latin America, the Middle East, and Asia have also suffered, and are still suffering, from conflict, corruption, diseases, etc. However, these regions have never been labeled “hopeless,” “helpless” and “dependent” (OGUH, 2015: 20).

Ao contrário do que defende Scott (OGUH, 2015:17), há um significativo repertório de produtos jornalísticos, bem como de posturas jornalísticas, que apontam o afro-pessimismo e os estereótipos na (sub)representação da África. É verdade que as representações da África pelo Ocidente (na historiografia, nas artes e na mídia) vêm sendo exaustivamente problematizadas há pelo menos cinco décadas. Isso, contudo, não sugere uma obsolescência da questão; essa tese ainda permeia as discussões contemporâneas devido à sua preocupante atualidade: em Agosto de 2016, a britânica *The Economist* ainda publica reportagens como “Africa’s Fragile Democracies”¹⁵; a estadunidense *Time*, em Maio de 2017, veicula a matéria “There Are No Words to Describe the Chaos”¹⁶, em relação a um campo de refugiados na Nigéria; o atual banco de imagens da francesa *Agence France-Presse* se resume a fotos de animais selvagens e comunidades tradicionais; em 16 de Maio de 2017, a matéria de destaque da CNN na seção sobre África é “Mutiny Strikes Ivory Coast: Rebel Soldiers Shut Down Ivorian Cities”¹⁷, cuja foto traz homens encapuzados e armados de suas AK-47; na britânica *Reuters*, a última notícia sobre o continente trata do ataque de uma milícia na República Centro-Africana¹⁸. Essas são apenas algumas evidências empíricas que demonstram como a imagem “antipática” da África ainda não foi superada, mas permanece sendo transmitida, reproduzida diariamente, sob a credencial de “fatos imparciais” por veículos informativos de grande alcance e poder de influência.

3.3. A prática jornalística na África Subsaariana

As últimas seções dedicaram-se ao estudo do sistema hegemônico de comunicação jornalística internacional – capitaneado, sobretudo, por Estados Unidos, França, Alemanha, e Inglaterra – e a forma como a África Subsaariana é reportada por esse sistema. A análise realizada expôs um panorama de silenciamentos, assimetrias, distorções e inconsistências em relação à forma como o continente é representado na mídia hegemônica. Os eventos da África Subsaariana, ao serem veiculados nesses meios, passam por filtros etnocêntricos, racistas, o

¹⁵ Disponível em: <<http://www.economist.com/news/leaders/21705319-end-cold-war-multi-party-democracy-has-flourished-many-countries-it-now>>. Acesso em: 27/05/2017

¹⁶ Disponível em: <<http://time.com/4638393/eyewitness-nigeria-refugee-attack/>>. Acesso em: 27/05/2017

¹⁷ Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2017/05/16/africa/military-mutiny-ivory-coast/index.html>>. Acesso em: 27/05/2017

¹⁸ Disponível em: <<http://af.reuters.com/article/topNews/idAFKBN18L2DV-OZATP>>. Acesso em: 27/05/2017

que se reflete em termos quantitativos e qualitativos. Esse fenômeno tem respaldo inquestionável nos processos históricos de colonização e escravidão, bem como na consolidação histórica de discursos científicos de categorização racial, que legitimavam a inferiorização da alteridade. Como colocado no último parágrafo da seção anterior, esse sistema de (sub)representação do continente permanece na contemporaneidade, reproduzindo a violência discursiva através de imagens, seleção de adjetivos e recorrência/ausência de temas.

A partir de agora, soa pertinente deslocarmos o olhar analítico para o jornalismo realizado pela/na própria África Subsaariana. Enquanto as evidências apontam para uma mídia tradicional ocidental que ainda reproduz um discurso conservador, inadequado, sobre a África Subsaariana, é necessário apurar até que ponto a mídia do continente assume um direcionamento progressista, contra hegemônico - ou, por outro lado, acaba, por circunstâncias diversas, sustentando o mesmo discurso eurocêntrico. Para uma discussão responsável sobre o jornalismo africano na contemporaneidade, é essencial que, inicialmente, sejam apresentadas e contextualizadas as origens desse jornalismo, suas características e sua relação com a colonização.

Na África Subsaariana, a prática do jornalismo pode ser considerada milenar (SHAW, 2009: 5). Impera, até hoje, a crença de que jornalismo, a atividade de reportar, transmitir um acontecimento para outras pessoas, seria o próprio modelo jornalístico ocidental, aquele que se apoia na primazia da objetividade, imparcialidade, formalidade, na regra da “pirâmide invertida”, e que só admite a escrita, o vídeo e a rádio enquanto linguagens legítimas. Ainda que esse modelo goze da credencial de “jornalismo por excelência”, na África, assim como em outras regiões não-ocidentais, a tradição de contar histórias é remota e abundante, e resiste até os dias de hoje. Essa consistiria na forma mais genuína do jornalismo africano:

Havia uma forma de jornalismo na África antes do advento do colonialismo. O jornalismo tomou a forma de discurso oral, utilizando normas de comunicação informados por tradição oral e cultura popular, com contadores de histórias (griots), músicos, poetas e bailarinos assumindo o papel do jornalista moderno. Aqui, vemos os conceitos de sociedade civil e esfera pública muito evidentes na medida em que o estilo de discurso oral de comunicação faz com que seja possível para griots, músicos e poetas atingir diferentes grupos da sociedade, bem como esferas públicas gerais e organizadas (SHAW, 2009: 5).¹⁹

¹⁹ Tradução da autora. “There was a form of journalism as it where in Africa before the advent of colonialism. Journalism then took the form of oral discourse using communication norms informed by oral tradition and folk

Na África pré-colonial, portanto, a transmissão dos fatos e eventos que ocorriam nas comunidades vizinhas ou longínquas – a prática jornalística, portanto – ficava a cargo de membros da própria comunidade que, através de manifestações como a dança, o canto, a contação de estórias (com os griots, na África do Oeste), assumiam, para com seu povo, a responsabilidade da informação. A forma como esses eventos eram transmitidos – através da arte ou da oralidade – era, pois, a forma pela qual aquela comunidade acessava o mundo exterior (BOURGAULT *apud* SHAW, 2009: 7). A força dessa tradição ainda é tão grande na África Subsaariana que mudanças na forma de governo e o advento de novas tecnologias de comunicação não implicaram no desaparecimento, na superação desse jornalismo nativo (BOURGAULT *apud* SHAW, 2009: 6).

Skjerdal (2013: 646) refere-se a essa tradição jornalística pré-colonial como “jornalismo do discurso oral”, o qual tem a transmissão oral como base e é fundamentalmente enraizado na prática de comunicação indígena. Esse jornalismo africano, ao rejeitar diversos postulados do modelo hegemônico, tais como objetividade e a regra da pirâmide invertida – que seria “inútil para a atividade de reportagem rural na África” (SKJERDAL, 2013: 646) – representa uma forma de resistência ao jornalismo ocidental.

A consolidação do projeto colonial na África Subsaariana interferiu em todos os âmbitos das sociedades colonizadas, renovando estruturas, ressignificando valores e inaugurando ideias. A comunicação social, portanto, ficou integralmente subordinada às diretrizes e aos modelos determinados pelo governo colonizador. Os primeiros jornais do continente, *Royal Gazette and Sierra Leone Advertiser*, surgem em 1801, na então colônia de Serra Leoa. O primeiro editor nativo africano, entretanto, aparece somente em 1858, estando à frente do *Accra Herald* (de Gana), jornal produzido à mão. A imprensa colonial da África Subsaariana, a princípio, servia como instrumento do governo colonial para ampliar e consolidar sua esfera de influência (BOND, 1997: 9). Enquanto os jornais das colônias britânicas gozavam de significativa liberdade, o desenvolvimento da imprensa livre nas colônias francesas foi reprimido pelo governo, o qual impunha taxas abusivas sobre o preço da tinta e do papel. Os poucos jornais existentes nessas regiões serviam aos interesses dos colonos europeus (SHAW, 2009: 10).

culture with communal story-tellers (griots), musicians, poets and dancers playing the role of the modern-day journalist. Here we see the concepts of civil society and public sphere very much evident as the oral discourse style of communication makes it possible for griots, musicians, poets to target different civil society groups as well as general and organised public spheres” (SHAW, 2009: 5).

Muito embora a administração colonial cuidasse para que vozes dissonantes nos meios de comunicação não ganhassem força a ponto de desmoralizá-la, o discurso dos jornais assume uma orientação cada vez mais contestadora ao longo do século XX. À medida que africanos da elite retornam de seus estudos na Europa com ideias progressistas, emancipatórias, os jornais (geridos por eles próprios, ou por pessoas de seus círculos sociais) tornam-se mais críticos. Diversos diários de Gana, Libéria, Serra Leoa, dentre outras colônias britânicas, passaram a desempenhar um papel de vigilância em relação ao comportamento abusivo da metrópole. A partir dos anos 1920, a própria imprensa das colônias francesas começa a desafiar seu governo repressor. Nessa década, os jornais *Le Cri Negre* e *La Phare du Dahomey* surgem no Benim com o objetivo de mobilizar politicamente os africanos. Os anos 1930, da mesma forma, assistiram à contribuição do Senegal e da Costa do Marfim no âmbito de um jornalismo provocador, com veículos que criticavam sistematicamente a administração colonial e os nativos que compactuavam com a mesma (SHAW, 2009: 12).

A partir dos anos 1950, a emancipação colonial deixa de ser um horizonte distante para tornar-se uma realidade concreta e cada vez mais comum às sociedades africanas. A libertação das primeiras colônias transforma-se em inspiração para as demais, provocando o surgimento de ainda mais diários, que nasciam com o propósito de denunciar a exploração colonial e conclamar o povo para a mudança. Na década de 1960, Mali, Guiné, Togo e Níger criam seus primeiros diários, nasce uma publicação quinzenal na atual República Centro-Africana, e o Gabão vê o surgimento de um semanário. Todos com o objetivo da crítica ao poder da metrópole - e, em última instância, de sua derrocada (BOURGAULT apud SHAW, 2009: 11).

No contexto da descolonização, o jornalismo desempenhou um papel fundamental na África Subsaariana, servindo de agente na conquista da independência. O jornalismo desse momento é um jornalismo de militância, nacionalista, que reivindica transformações profundas na estrutura econômica, política e educacional daquela sociedade colonizada (BOND, 1997: 9). Gana, que em 1957 tornou-se o primeiro país independente da África Subsaariana, teve como primeiro presidente Kwame Nkrumah, que, coincidentemente, era jornalista. Responsável pela criação de diversos jornais da época (como o *Accra Evening News*), Nkrumah entendia o jornalismo como uma ferramenta para a construção da unidade nacional e da superação do passado colonial. A mídia, para o político, tinha uma missão revolucionária:

Nossa revolucionária imprensa africana deve realizar os fins práticos revolucionárias, isto é, estabelecer um sistema político e econômico no nosso continente que gradualmente irá libertar os homens da miséria e toda forma de injustiça social, e capacitá-los a resolver seus destinos sociais e culturais em paz e à vontade. (A este respeito) o jornal africano é um educador coletivo - uma arma, primeiro e acima de tudo, para derrubar o colonialismo e o imperialismo, e para ajudar o africano a conquistar sua independência e unidade total (NKRUMAH *apud* DOMATOB, 1988: 155).²⁰

Esse paradigma de jornalismo que se estabelece a partir do período de luta pela libertação colonial consistiria, para Skjerdal (2013), no jornalismo de mudança social. A emergência desse perfil de jornalismo na África Subsaariana se deve ao processo de colonização e, posteriormente, à opressão política em diversos âmbitos – o que teria motivado, por exemplo, o jornalismo radical na África do Sul, no período do apartheid, e o jornalismo de guerrilha, na Nigéria dos anos 1990. O jornalismo de mudança social representa o primeiro marco no tocante à ruptura com a ideologia e o formato jornalístico ocidental que ocorreu na África Subsaariana. O forte intervencionismo, a descrença na objetividade da imprensa e o pressuposto de que a mídia deve se aliar a interesses políticos e movimentos sociais são características desse tipo de jornalismo (SKJERDAL, 2013: 642).

A partir dos anos 1950, portanto, despontou na África Subsaariana uma larga produção jornalística de combate ao colonialismo e de enaltecimento dos novos projetos de nações recém-independentes. Em um contexto-limite, onde todo um paradigma político caía por terra, todas as esferas sociais voltam-se para essa experiência de mudança. Não foi diferente com a comunicação social da África Subsaariana, que inaugurou uma corrente de jornalismo engajada. Muito embora essa nova corrente mobilizasse um discurso de rejeição e até superação do colonialismo, um sistema de dominação tão sólido, abrangente e perverso não desaparece facilmente das estruturas de uma sociedade. Muito pelo contrário, a longa duração do sistema colonial imprimiu marcas indelévels na posteridade. Se, a partir de 1950, a África

²⁰ Tradução da autora. “Our revolutionary African press must carry out revolutionary purposes. This is to establish a progressive political and economic system upon our continent that will free men from want and every form of social injustice and enable them to work out their social and cultural destinies in peace and at ease. (In this respect) the African newspaper is a collective educator - a weapon, first and foremost to overthrow colonialism and imperialism, and to assist total African Independence and unity” (NKRUMAH *apud* DOMATOB, 1988: 155).

não mais se encontrava sob o domínio *de jure* das metrópoles, ela certamente continuou subordinada ao domínio *de facto* no plano do simbólico, do estético, da economia, etc. Por mais revolucionário que tenha se apresentado o jornalismo de Nkrumah, a tecnologia de radiodifusão e de imprensa pela qual opera, até hoje, a mídia subsaariana é, em última instância, produto do Ocidente colonizador. A reprodução, na mídia africana, da técnica, da propaganda, da linguagem, da estética e da didática da mídia ocidental perdura na contemporaneidade, denunciando o legado de uma dominação supostamente superada. Essa expressão do neocolonialismo, como será analisado adiante, se reflete inclusive na forma como a mídia na África Subsaariana reporta o próprio continente (DOMATOB: 1988).

Na mídia africana, o neocolonialismo se manifesta já na própria pedagogia do campo da comunicação social. Dos diversos institutos e faculdades de jornalismo que foram inaugurados no período pós-independência, a grande maioria faz uso de bibliografia exclusivamente europeia e conta com um corpo docente exclusivamente ocidental (DOMATOB, 1988). Em relação ao treinamento prático dos profissionais da mídia, grande parte dos cursos de preparação oferecidos para os jornalistas africanos são ministrados por profissionais de grandes veículos de notícia europeus ou estadunidenses.

Os pioneiros na transmissão de notícias em países como Gana, Nigéria, Gabão, Camarões, Burundi, Zaire, etc. foram treinados por experts da British Broadcasting Corporation, da Radio France International ou foram enviados para estudar em escolas de jornalismo como Cardiff, na Inglaterra, Institute Français de Presse na França, Voice of America, nos Estados Unidos, e Radio Netherlands, na Holanda (DOMATOB, 1988: 156).²¹

As consequências dessa forte presença ocidental na conformação da mídia da África Subsaariana foram problematizadas pelo jornalista nigeriano Matt Modgekwu:

O resultado é que há uma transferência contínua da psicologia jornalística ocidental (americana e britânica) de uma geração de jornalistas nigerianos para a outra. A consequência é um sistema que ou produz um jornalista ‘alienígena’ para a audiência nigeriana, ou um jornalista nigeriano para uma audiência não-nigeriana (MODGEKWU apud DOMATOB 1988: 157).²²

²¹ Tradução da autora. “In fact the pioneer technicians and broadcasters in the sub-Saharan states of Ghana, Nigeria, Gabon, Cameroun, Burundi, Zaire etc. were trained either by experts from reputed media establishments like the British Broadcasting Corporation or Radio France International. Others were sent for courses in schools like Cardiff in England, Institute Français de Presse in France, Voice of America in U.S.A. and Radio Netherlands” (DOMATOB, 1988: 156).

²² Tradução da autora. “The result is that there is a continuous transfer of the Western (American) (British) journalistic psychology from one generation of Nigerian journalists to another. The end point is that the system

Em relação ao conteúdo veiculado, grande parte da mídia africana é dependente de pelo menos uma das grandes agências de notícia: Agence France Presse (França), Associated Press (Estados Unidos), Reuters (Reino Unido) e United Press International (Estados Unidos). Segundo Domatob (1988: 158), em muitos jornais do continente há profissionais encarregados exclusivamente de monitorar e copiar as notícias publicadas em veículos como BBC, Radio France International e Voice of America, e reproduzi-las para o público local. No que diz respeito à tecnologia, poucos países dispõem de recursos ou expertise necessários para desenvolver, estabelecer e manter sistemas de comunicação que representem um reflexo fiel e apropriado de sua própria cultura (DOMATOB, 1988: 165). Nesse esquema, o discurso promovido pela mídia da África Subsaariana apresenta uma orientação, estilo, abordagem e estruturas de análise que, em última instância, carregam referenciais do Ocidente (DOMATOB, 1988: 158). A grande dependência da mídia subsaariana em relação às “big four”(as agências de notícia supracitadas, que preponderam no sistema de comunicação internacional) seria, neste sentido, tanto produto de um sistema colonial que não foi integralmente superado, quanto fator de manutenção de uma estrutura neocolonialista - à medida que o jornalismo da África veicula valores, estilos de vida e questões exógenas à sua realidade, discurso que “auxilia na pulverização de sua própria identidade cultural e normas, alimentando o imperialismo midiático” (DOMATOB, 1988: 162)²³.

3.4. O lugar da África Subsaariana na cobertura midiática do continente

A partir de certa altura do processo colonizador, o jornalismo que se consagra no continente enquanto paradigma “sério”, respeitável e profissional é o formato criado pela modernidade, que nada mais é do que a expressão ocidental de reportagem e transmissão de fatos. Como discutido pela seção anterior, a reprodução do modelo jornalístico europeu pelos novos veículos da mídia subsaariana não se deu somente no âmbito da forma. Muito pelo contrário, ao copiar o formato ocidental jornalístico, a mídia subsaariana necessariamente copia, em alguma medida, uma forma de pensar, um ponto de vista, uma filosofia de um lugar político, cultural e social ao qual a África não pertence. A consequência, como visto acima, é a veiculação de referenciais, valores e olhares da alteridade hegemônica; em última análise, a preservação de uma estrutura de poder neocolonial. Este subcapítulo pretende expor a

either produces an alien journalist for the Nigerian audience or a Nigerian journalist for a non-Nigerian audience” (MODGEKWU *apud* DOMATOB, 1988: 157).

²³ Tradução da autora. “further assist in pulverizing their own cultural identity and norms thereby fostering media imperialism” (DOMATOB, 1988: 162).

atualidade dessa configuração (a não-superação, na contemporaneidade, dessa estrutura colonial em grande parte da mídia subsaariana) e, sobretudo, argumentar a repercussão dessa estrutura na forma como a África cobre o próprio continente, isto é, o lugar que a África Subsaariana ocupa na cobertura midiática de sua própria região.

Na seção anterior, foi mencionado como o discurso de jornalismo empreendido por Kwame Nkrumah - primeiro presidente de Gana, o primeiro país da África Subsaariana a se tornar independente, em 1957 – mostrava-se altamente comprometido em romper com toda e qualquer relação com o passado colonial, sobretudo no que diz respeito à libertação mental e intelectual (DOMATOB, 1988). O cenário em que a mídia ganense se encontrava no final dos anos 1990, contudo, apontava para a forte continuidade das estruturas coloniais. Segundo Bond (1997), todas as organizações midiáticas de Gana àquela época dependiam, em maior ou menor grau, de pelo menos uma das grandes agências internacionais de notícia. Nesse período, a Ghana News Agency, teoricamente a produtora oficial de conteúdo jornalístico no país, tinha contrato com a Reuters, a Agence France Press e a Deutsche Presse Agentur, sendo a primeira agência a responsável por fornecer 55 a 75% do conteúdo veiculado pelo grupo ganense (BOND, 1997).

A essas condições, a reação de grande parte dos profissionais atuantes no mercado jornalístico de Gana era de profunda insatisfação. A grande apreensão residia na forma como as agências estrangeiras estavam reportando a África – reportagens que, em última instância, eram veiculadas pelos próprios veículos africanos (BOND, 1997). Para Acquaye, editora de notícias internacionais do *The Ghanaian Times* àquela época, um dos maiores problemas consistia na forma como os veículos ocidentais focavam somente nos pontos negativos do continente:

Estamos muito cautelosos sobre como usamos as histórias que vêm de fora (da África). A maioria das histórias que vêm de fontes estrangeiras em relação ao continente Africano sempre focam nos acontecimentos negativos da África - a seca, a fome, o genocídio, guerras civis, assim por diante. Elas quase nunca tocam nos aspectos do desenvolvimento da África (ACQUAYE *apud* BOND, 1997: 24).²⁴

²⁴ Tradução da autora. “We are very cautious about how we use the stories that come from outside (of Africa) concerning Africa... Most of the stories that come from foreign sources regarding the African continent, they always harbor on the negative happenings in Africa – drought, starvation, genocide, civil wars, so on and so forth... they hardly ever touch on the development aspects of Africa” (ACQUAYE *apud* BOND, 1997: 24).

Para Francis Sasu, então repórter da Ghana Television, a forma como a imprensa norte-americana ou europeia cobre algum acontecimento na África é inquestionavelmente diferente daquela como um africano reportaria a situação. Essa ausência de uma perspectiva local na reportagem dos fatos de seu próprio continente é, para o jornalista, um dos maiores problemas da mídia subsaariana. Apesar da disposição de grande parte dos veículos da África em renovar essa abordagem, argumenta Bond (1997), os jornalistas entrevistados na ocasião foram unânimes no que diz respeito ao maior desafio para essa mudança: os recursos limitados.

Na África, o nosso problema é o financiamento. Tudo se resume a isso. A mídia de Gana gostaria de ir à Somália para descobrir o que está acontecendo lá. Nós gostaríamos de ir ao Quênia, ao Zaire ou Congo para descobrir o que está acontecendo lá. Mas não podemos ir. Por isso, temos que confiar no mundo ocidental para alimentar-nos de alguma da informação (SASU *apud* BOND, 1997: 28).²⁵

Nos anos mais recentes, a experiência de campo e o relato de jornalistas africanos, bem como a análise de acadêmicos da área da comunicação social, tem evidenciado a permanência do cenário retratado por Bond em 1997. Constata-se, segundo os profissionais e pesquisadores da área, que grande parte do jornalismo na África Subsaariana continua consideravelmente dependente dos recursos, técnicas, pessoal, equipamentos e cabos da grande mídia ocidental. Aqueles que seriam considerados os veículos “sérios” do jornalismo africano não apresentam porte que esteja à altura dos veículos tradicionais estadunidenses, franceses, ingleses e alemães. O que se vê na África, ainda hoje, é um jornalismo ansioso pela renovação de seu conteúdo, pela transmissão de um olhar mais local sobre o próprio continente, mas frustrado, constrangido por permanecer de mãos atadas, mostrando-se pouco capaz de competir com a cobertura dos grandes meios europeus e estadunidenses.

Simon Allison é um jornalista sul-africano que escreve para o Mail & Guardian, um dos sites de notícia mais respeitados de seu país. Apesar de trabalhar em um jornal consideravelmente grande e bem reputado, Allison, em artigo para o diário britânico The Guardian, coloca em questão as diferenças contrastantes entre as realidades do jornalismo africano e do ocidental:

²⁵ Tradução da autora. “In Africa our problem is finance. It all boils down to finance... the media in Ghana would like to be in Somalia to find out what is happening there, we would like to go to Kenya to find out what is happening there, we would like to go to Zaire or Congo to find out what is happening there – but we can’t go. So we have to rely on the western world to feed us some of the information” (SASU *apud* Bond, 1997: 28).²⁵

Eu estava no Sudão do Sul em novembro, em uma viagem que eu mesmo estava financiando. [...] Eu era o único repórter lá, e estava satisfeito comigo mesmo por obter uma história que ninguém mais tinha. Não tão rápido... No meu último dia, um pequeno avião desceu sem aviso prévio na pequena pista de pouso e regurgitou quatro correspondentes estrangeiros, em suas calças cáqui e botas de combate. Eles representavam dois dos maiores e mais conhecidos meios de comunicação internacionais. Eles passaram um total de duas horas no acampamento. Um deles arquivou a matéria ainda antes mesmo de sair. [...] Conversando com seu assistente, descobri que haviam gasto US\$ 8.000 para alugar o avião. Para mim, esta é uma quantia inimaginável: sua manhã custou mais do que quatro vezes toda a minha viagem no sul do Sudão (ALLISON, 2013).²⁶

O episódio vivenciado por Allison expõe uma clara desigualdade de estrutura, logística e recursos entre o jornalismo de um veículo sul-africano e dois dos maiores veículos internacionais. Essa desigualdade, inerente à relação entre os dois tipos de veículos midiáticos, seria o principal fator pelo qual a imprensa na África Subsaariana não é capaz de transmitir suas próprias histórias sobre o continente. A superioridade do arcabouço de recursos da grande mídia europeia e estadunidense – financeiros e tecnológicos, sobretudo – faz com que a mídia subsaariana não tenha condições de competir com a primeira. Assim, as empresas hegemônicas operam como verdadeiros centros irradiadores de notícia sobre absolutamente qualquer parte do globo. À grande parte da imprensa africana, não resta muito além da frustrante alternativa de reproduzir o olhar estrangeiro sobre o conteúdo que diz respeito ao ser próprio continente (ALLISON, 2013).

É preciso enfatizar que tal realidade não se aplica à totalidade do jornalismo da África Subsaariana. Há, como menciona Allison (2013), iniciativas no continente que subvertem à reprodução de conteúdo hegemônico: A Nation Media Group, por exemplo, é uma agência de notícias independente do Quênia que conta com um sólido grupo de correspondentes internacionais espalhados pela África, produzindo conteúdo autêntico para canais de televisão, jornais e sites; a emissora sul-africana E-TV, por sua vez, tem uma representação em Nairóbi, no Quênia. No entanto, a incapacidade da mídia subsaariana de transmitir suas próprias narrativas faz parte da experiência da maioria dos veículos, e mesmo o conteúdo

²⁶ Tradução da autora. “I was in South Sudan in November, on a trip I was financing myself. [...] I was the only reporter there and pleased with myself for getting a story that no one else had. Not so fast. On my last day there, a small plane descended unannounced on the tiny airstrip and disgorged four foreign correspondents in their khakis and combat boots. They represented two of the biggest and best-known international media outlets. They spent a total of two hours in the camp. One of them had filed his story even before he left. [...] I chatted to their fixer who whispered to me that they had spent \$8,000 to hire the plane for the morning. To me, this was an unimaginable sum: their morning cost more than four times my entire two weeks in South Sudan” (ALLISON, 2013). Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/african-journalism-stifled-lack-resources>>. Acesso em: 5/06/2017.

sobre África da Nation Media Group não alcança o número de espectadores e leitores que a Reuters e a Agence France Presse alcançam no próprio Quênia, por exemplo. O relato de Lee Mwiti, escritor-sênior da Nation Media Group, é prova dessa situação:

Embora haja aceitação quando se tem uma organização de notícias africana cobrindo África, os órgãos de comunicação regionais apresentam muitas limitações pela falta de recursos financeiros. Relacionado a este caso é o fato de não podermos competir com organizações estrangeiras quando se trata do pagamento aos correspondentes e o financiamento de suas viagens de trabalho. Isso significa que, muitas vezes, temos de recorrer à transmissão estrangeira para cobrir o continente para nós mesmos—justamente aquilo de que estamos tentando fugir (MWITI *apud* ALLISON, 2013).²⁷

Diante desse cenário, a prática de “copiar e colar” o conteúdo da grande mídia surge como a solução mais viável para a imprensa africana. O custo para a reprodução do sinal a cabo de emissoras ocidentais é baixo - muitas vezes, chega a ser gratuito. Frederick Kebabiretse, repórter do jornal Mmegi, de Botswana, defende que a insuficiência de verba seria o principal empecilho para a superação dessa lógica de copy-paste em relação às matérias jornalísticas ocidentais:

A grande questão é dinheiro. Se você disser que algo acontece em um lugar como Marikana [África do Sul], enviar uma equipe de jornalistas para cobrir o evento, para nós, seria demasiadamente caro. Eu acho que é um problema. Quando os estrangeiros vêm aqui eles, de alguma forma, podem pintar um quadro diferente da maneira como os africanos vêem as coisas acontecendo (KEBADIRETSE *apud* ALLISON, 2013).²⁸

Segundo Allison (2013), a falta de recursos no jornalismo africano se configuraria em uma violação à liberdade de imprensa do continente - teoricamente livres e independentes, muitos veículos não conseguem exercer o jornalismo que gostariam. Essa falta de recursos –

²⁷ Tradução da autora. “While there is a certain acceptability when you have an African news organisation covering Africa, regional media houses are still very much handicapped by a lack of finances. More often than not the case is that we cannot compete with foreign organisations when it comes to paying correspondents and funding their work such as travel. That means that we often have to resort to depending on foreign wires to cover the continent for us – the very thing we are trying to get away from” (MWITI *apud* ALLISON, 2013). Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/african-journalism-stifled-lack-resources>>. Acesso em: 5/06/2017.

²⁸ Tradução da autora. “It's mostly about the money. If you say something happens in a place like Marikana [South Africa], for us to send a team of journalists to cover it directly it would be too expensive. I do think it's a problem. When foreigners come here they may paint somehow a different picture from the way Africans can see things happening” (KEBADIRETSE *apud* ALLISON, 2013). Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/african-journalism-stifled-lack-resources>>. Acesso em: 5/06/2017.

sobretudo financeiros – estaria sendo responsável por uma “fuga de cérebros”, na qual os jornalistas africanos mais qualificados acabam optando por trabalhar para veículos ocidentais, onde são melhor remunerados. À medida que esses profissionais ingressam nos grandes veículos estrangeiros, eles se adequam ao formato hegemônico de jornalismo, reproduzindo suas respectivas linguagens e discursos.

Enquanto perduram essas desigualdades de recursos, estrutura e técnica entre o jornalismo africano e o ocidental, perdura, em última análise, uma desigualdade de poder em que o primeiro se vê constrangido a reproduzir uma agenda exógena de notícias, determinada por editores de Paris, Nova Iorque ou Londres (ALLISON, 2013). Nesse sistema, os veículos da África Subsaariana acabam por transmitir a percepção de um correspondente outsider. Esse correspondente, não raro, apresenta postura semelhante aos colegas de Allison no Sudão do Sul, que permaneceram somente duas horas em campo para apreender e transmitir toda a complexidade que reside em uma situação de conflito. As consequências disso são a veiculação, por parte da mídia africana, de um conteúdo distorcido, inconsistente e superficial sobre a própria África, um conteúdo com o qual sua audiência não se identifica, bem como a formulação de políticas e projetos baseados em uma visão incompleta e exógena sobre a realidade do continente.

A visão de Patrick Gathara (2014), jornalista e escritor queniano, sobre o lugar ocupado pela África Subsaariana na cobertura midiática de seu continente é consoante com a de Allison. Em artigo para o jornal Al-Jazeera, Gathara argumenta que o jornalismo africano, tal como opera hoje, é um dos responsáveis pela permanência da imagem estigmatizada do continente. Segundo o autor, a mídia africana, ao reproduzir o conteúdo da mídia ocidental, estaria cometendo os mesmos “pecados” do jornalismo das grandes agências estadunidenses e europeias: reportar a África de forma rasa, revestida de estereótipos. Dessa forma, vive-se uma situação na qual, quenianos, por exemplo, facilmente têm a oportunidade de assistir à sua realidade segundo as lentes da CNN ou BBC, mas raramente veem canais nigerianos reportando algum acontecimento do Quênia (GATHARA, 2014)²⁹.

²⁹ Disponível em: <<http://https://www.theguardian.com/world/2014/jan/24/africa-media-who-gets-right>>. Acesso em: 11/06/2017.

Apesar de, assim como Allison, associar à falta de recursos essa realidade de “copiar e colar” o material dos veículos ocidentais, Gathara busca entender o jornalismo africano como agente de sua própria conformação e *modus operandi*. Enquanto que, para Allison (2013), a desigualdade de recursos entre o jornalismo ocidental e o africano seria a grande barreira para a concretização de uma nova abordagem jornalística por parte da mídia da África Subsaariana, Gathara defende que a permanência dessa estrutura reside, acima de tudo, na ausência de uma “mentalidade pan-africana” no jornalismo de seu continente:

Poucos veículos dos meios africanos estão realmente tentando cobrir o continente para o continente. Muitos estão ocupados demais cobrindo as notícias em casa, e não acham que a África mereça uma cobertura particular; pelo contrário, a enxergam como mais uma parte do mundo, usando a cobertura realizada pelo Ocidente como referência (GATHARA, 2014).³⁰

Para ilustrar esse argumento, Gathara analisa criticamente a forma como parte da mídia subsaariana tem reportado os eventos do Sudão do Sul, do Congo, da República Centro-Africana e da Somália.

A maioria dos meios de comunicação social no continente permanece alheia aos acontecimentos de lá. Mesmo em países vizinhos como o Quênia, que pagou um preço enorme pela instabilidade da Somália, a mídia parece ser somente capaz de informar sobre o combate ao terrorismo e extremistas islâmicos por parte das tropas ocidentais. Poucos jornalistas se preocuparam em compreender a gênese do conflito, ou para explicar os motivos da intervenção realizada pelo Quênia (GATHARA, 2014).³¹

Em artigo sobre a persistência da imagem negativa da África na mídia ocidental, Poncian (2015) destaca que os temas recorrentes nas reportagens sobre África veiculadas pela mídia do continente são justamente aqueles pelos quais essa mesma mídia critica a cobertura dos veículos ocidentais - tais como fome, doenças, conflitos e corrupção. O autor constatou que, ao longo dos primeiros meses de 2014, os assuntos que mais estiveram em pauta nos

³⁰ Tradução da autora. “Few African media houses are actually trying to cover the continent for the continent. Many have their hands full reporting (or not reporting) news at home and do not think of Africa so much as a story that needs to be covered, but as part of the rest of the world and take their cue on reporting it from the Western outlets” (GATHARA, 2014). Disponível em: <<http://https://www.theguardian.com/world/2014/jan/24/africa-media-who-gets-right>>. Acesso em: 14/06/2017

³¹ Tradução da autora. “Most media on the continent remain supremely oblivious to the happenings there. Even in neighbouring nations such as Kenya, which has paid a huge price for Somalia's instability, media only seem able to regurgitate the Western tropes about fighting terror and Islamic extremists. Few journalists bother to understand the genesis of the two-decade long anarchy or to explain the reasons and wisdom of Kenya's intervention” (GATHARA, 2014).

jornais africanos foram a epidemia de Ebola, o conflito da República Democrática do Congo e as revoltas populares em Burkina Faso. Com essa agenda em voga na mídia subsaariana, ganha força, no senso comum do continente, a crença de que a África, no final das contas, é lar de Estados falidos, instituições corrompidas e crises das mais diversas naturezas, fazendo com que as controversas intervenções externas soem sensatas, e até redentoras – tanto para os africanos quanto para os estrangeiros (PONCIAN, 2015).

4 - ANÁLISE TEXTUAL: A ÁFRICA SUBSAARIANA EM “GRAPHIC ONLINE”, “A NAÇÃO”, E “GUINÉE MATIN”

A fim de ilustrar o argumento defendido ao longo desse trabalho, é pertinente, a esta altura, realizar uma leitura crítica do conteúdo jornalístico *per se*. A partir de uma análise textual das matérias, pretende-se mostrar como a reprodução da narrativa ocidental na cobertura midiática africana sobre o próprio continente é uma realidade corrente. Para esse estudo, foram selecionados três veículos jornalísticos da África do Oeste (uma sub-região da África Subsaariana): “A Nação”, de Cabo Verde, “Graphic Online”, de Gana, e “Guinée Matin”, da Guiné-Conacri, sendo o texto o principal formato utilizado pelos três veículos. Com o objetivo de retratar a forma pela qual esses jornais estão cobrindo o continente, serão analisadas quatro matérias de cada um desses veículos durante o período de 15 de Maio a 15 de Junho de 2017. A análise será feita a partir de diversos elementos componentes de uma reportagem (título, lead, tema, foto, etc.).

4.1. “Graphic Online”

O Graphic Online surge em 2012 como a versão digital do Daily Graphic, considerado o maior jornal de Gana atualmente. Criado em 1950 pelo grupo britânico Daily Mirror, o Daily Graphic é, desde seu surgimento, um jornal estatal; por isso, sempre foi um reflexo direto da história de seu país: em alguns momentos, assumiu posturas mais progressistas; em outras ocasiões, a linha editorial apontava para um recrudescimento político. O Daily Graphic, assim como o Graphic Online, faz parte do Graphic Communications Group Limited (GCGL), o grupo que lidera o setor midiático no país (AKOSAH-SARPONG, 2010)³².

Assim como muitos veículos midiáticos do continente, o Graphic Online apresenta uma categoria de notícias exclusivamente dedicada à África. Dentro da seção “World”, a subseção “Africa” reúne todas as acontecimentos que dizem respeito ao continente, sem fazer a diferenciação de temas. Entre 15 de maio a 15 de junho de 2017, o Graphic Online publicou onze matérias na seção sobre África – número consideravelmente baixo para o período de um mês. Estupro, corrupção, urbanização, religião e instabilidade política encontram-se entre os temas abordados nesse recorte temporal. Das onze matérias veiculadas, cinco foram copiadas

³² Disponível em: <<<http://http://thechronicle.com.gh/the-daily-graphic-and-the-enlightenment/>>. Acesso em: 15/06/2017

do grupo britânico BBC. A seguir, analisaremos os elementos que compõem quatro das histórias veiculadas pelo Graphic Online durante esse período.

A primeira matéria a ser analisada é “Museveni warns against torture use” (Museveni faz alerta contra uso de tortura), publicada em 17 de maio. De autoria da BBC, a matéria trata da carta do presidente de Uganda, Yoweri Museveni, endereçada às forças de segurança de seu país, na qual pede a cessão do uso da tortura como método de confissão. Os recursos dos quais a matéria se utiliza para abordar a situação de violação de direitos humanos vigente em Uganda sugerem, ainda que sutilmente, um teor eurocêntrico. Em primeiro lugar, todos os dados citados pela matéria, referentes às violações de Uganda, foram retirados exclusivamente de relatórios e fontes ocidentais (como Nações Unidas e a Organização Não-Governamental Human Rights Watch). O que se manifesta como mais problemático, no entanto, é o fato de a única declaração presente na matéria – além daquela feita pelo próprio presidente – ter vindo de Maria Burnett, representante norte-americana da Human Rights Watch na África:

No último domingo, Maria Burnett, da Human Rights Watch (HRW), chamou a polícia para colher depoimentos de suspeitos de terem sido torturados. Ela disse que os oficiais supostamente envolvidos devem ser investigados "pela a tortura e maus tratos." Ela acrescentou que o HRW falou com centenas de testemunhas ao longo dos últimos 15 anos, que se queixaram de terem sido torturadas (GRAPHIC ONLINE, 2017).³³

A partir dessa abordagem, a matéria da BBC inevitavelmente destaca a agência de uma instituição ocidental em detrimento da agência de instituições locais. No lugar da voz de um ativista ou especialista da própria Uganda (ou mesmo da África), a voz da tomada de decisão foi alocada para uma pessoa ocidental, representante de uma instituição ocidental. Nesse sentido, a reprodução dessa matéria por parte do Graphic Daily reproduz, em última instância, um discurso exógeno à África.

Em 31 de maio de 2017, por outro lado, o Graphic Daily publicou “African journals meet in Dar es Salaam over urbanisation challenges” (Jornalistas africanos reúnem-se em Dar es Salaam para discutir desafios de urbanização), conteúdo elaborado pela jornalista ganense Naa Lamiley Bentil. O fato de o conteúdo ser autêntico é um ponto fundamental para a

³³ Tradução da autora. “Last Sunday, Maria Burnett from Human Rights Watch (HRW) called for police to take suspects' allegations of torture seriously. She also said the officers allegedly involved should be investigated "for torture and mistreatment". She added that HRW had spoken to hundreds of witnesses over the last 15 years who had complained of being tortured” (GRAPHIC ONLINE, 2017). Disponível em: <<http://http://www.graphic.com.gh/international/africa/museveni-warns-against-torture-use.html>>. Acesso em: 16/06/2017

compreensão dessa reportagem. Em primeiro lugar, o jornalismo produzido pelo próprio veículo (o Graphic Daily, no caso) abre a possibilidade para pautas que dificilmente estariam presentes no jornalismo do Ocidente. A reunião entre jornalistas africanos na Tanzânia para discutir urbanização, por exemplo, dificilmente despertaria o interesse de grandes veículos europeus. Além disso, essa matéria, diferente de grande parte do conteúdo que é copiado dos veículos ocidentais, apresenta uma perspectiva positiva sobre o continente. Apesar de, por um lado, a reportagem apontar para os desafios e problemas que a África ainda enfrenta para avançar na urbanização, ela claramente retrata os jornalistas africanos participantes da reunião como sujeitos sérios, críticos, perspicazes:

De acordo com o Sr. Chinje, "quando [os jornalistas] se tornarem mais relevantes, teremos um lugar à mesa. Trabalhar em cima de releases não é bom o suficiente. Nosso principal objetivo, como jornalistas, é sermos o continente que se desenvolve. Temos que reivindicar as responsabilidades do governo, mas esse não deve ser o objetivo final", frisou (GRAPHIC ONLINE, 2017).³⁴

A terceira matéria a ser analisada é “Pope demands Nigerian priests' obedience over Ahiara bishop” (Papa exige a obediência de padres nigerianos a bispo nomeado pelo Vaticano), publicada em 13 de junho de 2017. O artigo trata da reação do Papa Francisco à recusa dos padres da diocese de Ahiara, na Nigéria, a reconhecerem o bispo do país, dom Peter Okpaleke. Elaborada pela BBC, a matéria é completamente voltada para a fala do Papa Francisco, destacando sua indignação, desapontamento e convicção em penalizar os padres de Ahiara – ameaçando expulsá-los da Igreja:

O pontífice declarou em audiência a nigerianos católicos em Roma na semana passada que o "povo de Deus está escandalizado" com o que aconteceu. [...] O Presidente da Conferência dos Bispos Católicos da Nigéria Dom Ignatius Kaigama estava na reunião em Roma e disse à BBC que o papa estava muito triste com o que estava acontecendo, e ele podia ver "a dor em seus olhos". “Ele estava chateado que seus filhos estavam indo em uma direção diferente”, o arcebispo acrescentou (GRAPHIC ONLINE, 2017).³⁵

³⁴Tradução da autora. “According to Mr Chinje, "when we [journalists] become more relevant we will have a seat at the table. It's not good enough that all we are given is a press release. Our primary goal as journalists is to be the continent to develop. We have got to hold governments accountable but that's not the end goal," he stressed” (GRAPHIC ONLINE, 2017).Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/african-journos-meet-in-dar-es-salaam-over-urbanisation-challenges.html>>. Acesso em: 16/06/2017

³⁵Tradução da autora. “The pontiff told an audience of Nigerian Catholics in Rome last week that the "people of God are scandalised" by what has happened. [...] The president of the Catholic Bishops Conference of Nigeria, Archbishop Ignatius Kaigama, was at the meeting in Rome and told the BBC that the pope was very sad about what was happening and he could see "the pain in his eyes". He was upset that his children were going in a

Originada em um veículo britânico, não surpreende que a matéria tenha se dedicado a reportar a reação do maior representante da Igreja Católica, em detrimento da visão dos padres nigerianos. Com relação ao não-reconhecimento do bispo por parte dos padres de Ahiara, a explicação dada pela matéria se limitou à seguinte frase: “Ele [Dom Ignatius Kaigama] disse à BBC que o problema era que o clero local e o bispo eram de diferentes clãs do grupo étnico Igbo”³⁶ (GRAPHIC ONLINE, 2017). Ao reproduzir esse conteúdo, o Graphic acaba por reduzir a complexidade histórica de um conflito étnico a duas linhas, tal como o repórter e o editor da BBC não se incomodaram em fazer. No lugar de transmitir a voz dos padres de Ahiara, o que se veiculou sobre a origem do problema foi uma explicação genérica, *en passant*, formulada pelo olhar *outsider*.

A quarta e última matéria é “Many missing in Nairobi building collapse” (Desabamento de prédio em Nairóbi tem muitos desaparecidos), publicada em 14 de junho de 2017. Apesar do texto dessa reportagem ser autêntico do próprio Daily Graphic, o veículo ganense recorreu a fontes midiáticas da própria cidade de Nairóbi para a busca das informações jornalísticas propriamente. Nesse sentido, a matéria narra o desabamento do prédio, suas causas e consequências a partir, também, da perspectiva local (de jornalistas, bombeiros e testemunhas). Isso fica claro no seguinte trecho:

“Os esforços de resgate estão em andamento”, disse o Sr. Masai [Coordenador do Serviço de Resgate Nairobi] em um comunicado, apelando a todas as pessoas com acesso a “cortadores, perfuradores e qualquer outro equipamento de desencarceramento” para ajudar. A Unidade Nacional de Gestão de Calamidades disse que a maioria das famílias evacuou o prédio antes do colapso, em um total de 121 pessoas. No entanto, a mídia local reporta que algumas pessoas retornaram ao edifício, aparentemente para recolher seus pertences, quando ele cedeu (GRAPHIC ONLINE, 2017).³⁷

different direction,” the archbishop added (GRAPHIC ONLINE, 2017). Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/pope-demands-nigerian-priests-obedience-over-ahiara-bishop.html>>. Acesso em: 17/06/2017

³⁶ Tradução da autora. “He told the BBC that the problem was that the local clergy and the bishop were from different clans of the Igbo ethnic group”. Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/pope-demands-nigerian-priests-obedience-over-ahiara-bishop.html>>. Acesso em: 17/06/2017

³⁷ Tradução da autora. “Rescue efforts are ongoing,” Mr Masai [coordenador do serviço de resgate de Nairóbi] said in a statement, and appealed for people with access to “cutters, drillers and any other extrication equipment” to help with the search. The National Disaster Management Unit said that most families acted when ordered to leave the building prior to its collapse, with 121 people making it to safety. Local media reports that some people re-entered the building apparently to collect their belongings when it caved in, possibly trapping them (GRAPHIC ONLINE, 2017). Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/many-missing-in-nairobi-building-collapse.html>>. Acesso em: 17/06/2017

Por trás da veiculação dessa última matéria, encontra-se um movimento interessante: ao contrário de acessar as grandes fontes midiáticas ocidentais para a coleta de informações relativas à notícia, o Graphic Online baseou sua reportagem exclusivamente na cobertura realizada por um veículo local, o The Star Newspaper. Ainda que tal escolha possa ter sido motivada pela ausência de qualquer cobertura relativa a esse evento em veículos como BBC ou Reuters, por exemplo, o fato é que o Graphic Online optou por transmitir um acontecimento sobre seu continente a partir de uma fala local. E essa decisão, em alguma medida, se desvia da agenda midiática hegemônica ao eleger o discurso jornalístico dos próprios quenianos e selecionar uma pauta de interesse dos africanos – e não necessariamente dos ocidentais.

Com base na análise textual realizada acima, é possível afirmar que o ganense Graphic Online, é, acima de tudo, um jornal de estrutura e recursos limitados em função de dois aspectos principais: primeiro, a baixa produção de conteúdo para a seção África (onze, dentro do período de um mês) sugere, muito provavelmente, que não há profissionais suficientes dentro da empresa para alimentar todas as seções do jornal com a frequência devida; segundo, a permanência de um modelo de reprodução de conteúdo (seja de veículos europeus ou africanos) indica a incapacidade do jornal de manter correspondentes espalhados pelo continente, ou até mesmo financiar viagens curtas, para coberturas jornalísticas pontuais. Apesar desse cenário, chama a atenção, por outro lado, o fato de que um pouco menos da metade do conteúdo sobre África Subsaariana publicado pelo Graphic Online foi copiado de veículos ocidentais. Isso, diferente do que argumenta Gathara (2014), demonstra um movimento contra hegemônico por parte do jornalismo tradicional africano, o qual estaria buscando, ainda que vagarosamente, uma outra agenda e uma outra perspectiva sobre a representação midiática de seu continente.

4.2. “A Nação”

Hoje em versão online, o jornal cabo-verdiano A Nação surgiu em 2007 como semanário impresso em formato tablóide. Segundo seu próprio site, é “um jornal independente e atual, onde nada é tabu, com temas de política, economia, cultura, desporto,

opinião, entre outros. Um jornalismo feito com rigor, onde o contraditório é um princípio sagrado” (A NAÇÃO, 2014)³⁸. É um dos três maiores jornais independentes do país, ao lado das publicações A Semana e Expresso das Ilhas. O jornal A Nação foi fundado pela empresa cabo-verdiana Alfa Comunicações, tendo como primeiro diretor Alexandre Semedo, quem, à época, também era responsável pelo extinto jornal estatal Horizonte. O objetivo do A Nação, segundo Semedo, é ser “um periódico totalmente independente, generalista, que cultiva a ética, investiga, pensa, reflete e apresenta o país real e profundo, constituído pelo arquipélago e pelas diásporas cabo-verdianas” (PANAPRESS, 2007)³⁹.

O cenário midiático cabo-verdiano em que A Nação se insere ecoa fortemente a realidade descrita por Allison (2013) em seu artigo para o The Guardian: apesar de politicamente, gozar de liberdade, a imprensa cabo-verdiana tem sua ação constrangida pela falta de recursos. Em seu artigo “Jornalismo em Cabo Verde: entre a liberdade e as limitações financeiras”, publicado em janeiro de 2016, o diretor da TCV (Televisão de Cabo Verde), Alvaro Andrade, argumentou que o país é apontado como líder em liberdade de imprensa na África, mas enfrenta dificuldades primárias de sobrevivência que implicam em limitações para o exercício jornalístico (ANDRADE, 2016)⁴⁰. Em depoimento para esse artigo, Daniel Almeida, jornalista d’A Nação, afirmou: “Há muitas dificuldades financeiras que afetam tanto as empresas como os próprios jornalistas, havendo colegas que ganham cerca de 20 contos mensais (200 dólares) e têm até seis meses de salários em atraso. Não há jornalismo investigativo em Cabo Verde em virtude de as empresas não poderem dar condições e tempo aos profissionais”.

Diferente do ganense Graphic Online, A Nação não apresenta uma seção exclusiva para conteúdo sobre o continente africano. Portanto, as notícias que o jornal veicula sobre o continente encontram-se na mesma categoria que notícias sobre Europa, Ásia, Américas, etc. Entre 15 de Maio e 15 de junho de 2017, quarenta e três matérias (de um total de 156) tratavam de notícias sobre a África, sendo a grande maioria relativa aos países lusófonos (Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique). Dentre essas matérias, grande parte reproduz conteúdo de veículos portugueses – sobretudo da Lusa, a maior agência de notícias de língua portuguesa. Além disso, pelo menos uma dezena de matérias faz menção a

³⁸ Disponível em: <<http://anacao.cv/>>. Acesso em: 19/06/2017

³⁹ Disponível em: <<http://www.panapress.com/>>. Acesso em: 19/06/2017

⁴⁰ Disponível em:<<https://www.voaportugues.com/a/jornalismo-cabo-verdiano-entre-a-liberdade-e-as-limitacoes-financeiras/3133736.html>>. Acesso em: 19/06/2017

algum país da África, ainda que este país não seja o centro da pauta. Em seguida, serão analisadas quatro dessas matérias sobre África.

A primeira notícia a ser estudada é “Moçambique sai da “lista negra” da segurança aérea da UE”⁴¹, publicada em 17 de maio. Segundo a matéria, todas as transportadoras aéreas de Moçambique receberam certificado de segurança e foram autorizadas a operar vôos para os países da União Europeia. Originalmente publicada pela Agência Lusa, a matéria carrega aspectos que deixam claro seu viés predominantemente europeu. É possível problematizar o conteúdo já a partir de seu próprio título: a expressão “lista negra”, intencionalmente ou não, confere à infraestrutura aérea de Moçambique (e aos demais países que ainda se encontram nessa lista) um teor negativo; de alguma forma, uma imagem de irregularidade, incompetência, e até inferioridade fica impregnada no imaginário associado ao desenvolvimento desses países. A cópia literal por parte do veículo cabo-verdiano das palavras utilizadas pela agência portuguesa, portanto, acaba por reproduzir, uma linguagem que exprime uma conotação pejorativa, ainda que de forma sorrateira - e tal linguagem não necessariamente representa a visão que o jornal cabo-verdiano associa à Moçambique. Além disso, a matéria, completamente voltada para União Europeia, não se preocupa em trazer qualquer depoimento ou informação referente à agência de aviação civil de Moçambique (o que teria sido aprimorado, novas diretrizes que foram implementadas, etc.). A todo momento, a menção é feita à Agência Europeia para a Segurança da Aviação e a Comissão Europeia.

A segunda matéria, publicada no dia 19 de maio, tem como título “Mali constrói 602 casas para seus cidadãos residentes nos EUA”⁴². A notícia consiste na consolidação de um projeto conjunto entre diversas instituições malianas, governamentais e não-governamentais, de construção de casas para os expatriados malianos que moram nos Estados Unidos. Gerada pela agência de notícias Panapress, uma plataforma africana que veicula conteúdo sobre todo o continente, esta matéria apresenta características que a distanciam consideravelmente da primeira, apresentada no parágrafo acima. Diferente de uma agência de notícias europeia ou estadunidense, a linha editorial da Panapress está mais inclinada à promoção de uma agenda genuinamente africana de notícias. Nesse sentido, o jornalismo da Panapress contempla

⁴¹ Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/05/17/mocambique-sai-da-lista-negra-da-seguranca-aerea-da-ue/>>. Acesso em 19/06/2017

⁴² Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/05/19/mali-constrói-602-casas-seus-cidadãos-residentes-nos-eua/>>. Acesso em: 20/06/2017

pautas que nem sempre renderiam uma cobertura nos veículos ocidentais, o que é o caso da matéria em análise. Pode-se dizer que a reprodução do conteúdo da Panapress por parte do A Nação, nesse caso, é consideravelmente positiva. Ao contrário da reportagem sobre Moçambique, essa notícia trabalha com uma abordagem em que o Mali, seus sujeitos e instituições são representados como agentes da mudança, do desenvolvimento.

Em “São Tomé e Príncipe: Portugal dá crédito de dez milhões de euros”⁴³, matéria publicada em 6 de junho, aborda-se a concessão de uma linha de crédito por parte do Programa Estratégico de Cooperação (PEC) com o objetivo de dinamizar o setor privado nacional. O interessante dessa matéria é que, apesar de ser originalmente elaborada pela STP Press, agência de notícias de São Tomé e Príncipe, seu texto insinua uma retórica eurocentrada (ou, pelo menos, inclinada para as instituições europeias). A todo tempo, a matéria exalta o acordo de crédito, mencionando tanto os benefícios que ele proporcionará, quanto a grande satisfação das duas partes signatárias para com esse acordo. Partindo de uma ótica crítica pós-colonialista, o enaltecimento de um acordo que “os operadores privados [sãotomenses] possam aceder ao financiamento, quer para o investimento como para importar bens de Portugal”, como disse a própria Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Portugal, Teresa Ribeiro, parece uma abordagem digna de uma ex-metrópole interessada na manutenção de uma estrutura de poder de teor colonialista. Nesse sentido, soa problemático e sintomático tanto o uso dessa abordagem no jornal de São Tomé e Príncipe, quanto sua reprodução em um jornal independente de Cabo Verde – ambos ex-colônias de Portugal.

Publicada em 14 de junho, a matéria “Moçambique: PR nos EUA com recursos naturais na agenda”⁴⁴ trata da visita oficial do presidente deste país aos Estados Unidos, onde se encontra com congressistas, representantes de instituições financeiras e o Secretário de Estado norte-americano para discutir investimentos em Moçambique. De autoria da Agência Lusa, a matéria, ainda que não traga elementos que explicitamente apontem para uma visão de mundo ocidental, traz para o público uma pauta altamente relevante para a agenda midiática ocidental: considerando o subtítulo da reportagem - “Em abril, o embaixador norte-americano garantiu que o país vai estar no topo dos destinos de investimento em África, graças aos

⁴³ Disponível em: < <http://anacao.cv/2017/06/06/sao-tome-principe-portugal-da-credito-dez-milhoes-euros/> >. Acesso em: 20/06/2017

⁴⁴ Disponível em: < <http://anacao.cv/2017/06/14/mocambique-pr-nos-eua-recursos-naturais-na-agenda/> > . Acesso em: 20/06/2016

novos projetos de gás natural” – a pauta deixa de ser somente sobre Moçambique, passando a ser, também, sobre as oportunidades de investimentos que o capital norte-americano encontrará naquele país. Isso parece ficar claro com o desfecho da matéria, que representa o capital estadunidense como “pioneiro” do desenvolvimento do país:

A norte-americana Anadarko lidera um dos consórcios que identificou grandes quantidades de gás natural na bacia do Rovuma, norte de Moçambique, enquanto a Exxon comprou 25 por cento da Eni East Africa, que lidera um segundo consórcio na mesma bacia (A NAÇÃO, 2017).

Com base na análise dessas quatro matérias, constata-se que a cobertura d’A Nação para os eventos da África Subsaariana ainda é bastante dependente da reprodução de conteúdo estrangeiro. Nenhuma das notícias trazidas para esse estudo foi originalmente apurada e elaborada pelo veículo, o que reforça o argumento da carência de recursos no jornalismo cabo-verdiano (ANDRADE, 2016). Tanto nas matérias da Agência Lusa, quanto na própria matéria da são-tomense STP Press, a abordagem das pautas e a seleção de palavras trazem uma perspectiva que, em diversos aspectos, é alheia ao lugar e a visão de mundo do leitor cabo-verdiano. Com exceção da matéria da Panapress (“Mali constrói 602 casas para seus cidadãos residentes nos EUA”), o jornal A Nação, no que diz respeito à cobertura de fatos internacionais, encontra-se subordinado ao centro irradiador de notícias que ainda é a mídia hegemônica ocidental.

4.3. “Guinée Matin”

Diferente dos outros dois veículos analisados anteriormente, Guinée Matin surge já em versão online, sendo esta a única plataforma do jornal. Ao contrário do Graphic Online e d’A Nação, o Guinée Matin não apresenta um histórico de desenvolvimento que se confunde com a formação de seu Estado, tendo sido criado somente há três anos, em junho de 2014. No texto sobre os princípios do Guinée Matin, Nouhou Baldé, fundador e administrador do site, declara:

Nosso maior orgulho é a total independência que desfrutamos: este site não é aliado nem adversário de ninguém e, portanto, não pode ser pressionado ou influenciado por qualquer pessoa, partido político, pessoa física ou jurídica, grupo social, econômico, cultural ou outros. Somos mulheres e homens guineenses de mentes livres. Queremos, através do Guineematin.com, trazer nossos modestos esforços no debate público e construir uma democracia que

nega que o cidadão seja reduzido a um fantoche de grupos e redes, mas que coloca o homem no centro de seus interesses (BALDÉ, 2014)⁴⁵.

O Guinée Matin, portanto, é um veículo jornalístico norteador pela independência editorial, a qual seria responsável pelo exercício de um jornalismo democrático, ético, engajado e livre, o que, de acordo com o texto de Baldé, parece corresponder à missão última do jornal guineense. Apesar de recente e pequeno - com uma equipe de dezoito jornalistas, além dos colaboradores, o Guinée Matin goza de uma visibilidade considerável, com uma página de Facebook que conta com mais de 100 mil seguidores. Além de conteúdo textual, o jornal veicula material em formato de áudio e vídeo.

Apesar de ter sido a Guiné a primeira ex-colônia de Portugal a ter a independência reconhecida pela metrópole, em 1958, tal conquista não garantiu de imediato democracia e estabilidade política ao novo Estado soberano. Durante quase trinta anos (1958 – 1984), o país viveu sob o governo ditatorial de Sekou Touré, líder do movimento de libertação da Guiné. Com a morte de Touré, dois golpes militares ocorrem no país, um em 1984, outro em 1985. Em 2010, após décadas de instabilidade e sucessivos regimes autoritários, é eleito para a presidência da Guiné Alpha Condé, líder histórico da oposição (GOUSET, 2010)⁴⁶. Muito embora a eleição de 2010 tenha sido considerada simbólica em termos de exercício da democracia (GLOBO, 2010)⁴⁷, o cenário em que a imprensa guineense se situa permanece bastante negativo. O exercício jornalístico na Guiné ainda esbarra em inúmeros desafios, dentre os quais se destacam a baixa qualificação dos jornalistas, a insuficiência de recursos e a pouca liberdade de expressão – no ranking sobre liberdade de imprensa do Repórteres sem

⁴⁵ Tradução da autora. “Notre plus grande fierté est la totale indépendance dont nous jouissons : ce site n’est l’allié- ni l’adversaire- de personne et ne saurait donc subir la pression, ni l’influence de quiconque, d’aucun parti, d’aucun courant ou réseau politique, d’aucune personnalité physique ou morale, d’aucun groupe social, économique, culturel ou autres! Nous sommes des Guinéennes et des Guinéens convaincus et libres dans nos esprits et nos relations. Nous voulons, à travers Guineematin.com, apporter nos efforts modestes au débat citoyen et à l’édification d’une démocratie qui refuse que le citoyen soit réduit à une marionnette à la merci de certains groupes et réseaux divers, mais qui met l’homme au centre de ses intérêts” (BALDÉ, 2014). Disponível em: <<http://guineematin.com/qui-sommes-nous/>>. Acesso em: 20/06/2017

⁴⁶ Disponível em: <http://www.lexpress.fr/actualite/monde/afrique/chronologie-de-la-guinee-1952-2010_836207.html>. Acesso em: 22/06/2016

⁴⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/11/alpha-conde-e-eleito-presidente-de-guine.html>>. Acesso em: 22/06/2017

Fronteiras de 2016, a Guiné se encontra em 108º lugar (dentre 180 países), tendo regredido seis posições em relação a 2015 (BOUBACAR, 2016)⁴⁸.

O site do Guinée Matin possui uma seção internacional exclusivamente para matérias sobre a África. Dentro do período de 15 de maio a 15 de junho de 2017, foram publicadas 25 matérias nesta editoria, sendo a maioria referente aos países da África do Oeste. Das 25 matérias, 13 foram reproduzidas de veículos franceses, sobretudo da France 24 e da Rádio França Internacional. Em seguida, quatro das reportagens compreendidas no período em questão serão analisadas.

A primeira matéria é “Mali: la traque des jihadistes”⁴⁹ (Mali: a caça aos jihadistas), veiculada em 19 de maio. A notícia trata do envio da operação Barkhane - as forças francesas presentes na região do Sahel (cinturão situado entre a savana do Sudão e o deserto do Saara) – à floresta de Foularé, entre as fronteiras de Mali e Burkina Faso. A região tem vivido sob profunda instabilidade política devido a ataques contínuos do Ansarul Islam, um grupo islâmico jihadista. A matéria conta com um breve texto, apresentando os fatos principais, e um conteúdo em formato de áudio, originalmente produzido pela Rádio França Internacional. O áudio apresenta a entrevista do jornalista Juan Gomez, baseado na França, com Serge Daniel, correspondente da RFI no Mali. É possível levantar reflexões críticas sobre o teor dessa matéria já a partir de seu título. Tratando-se de um empreendimento militar francês, a eleição do título “a caça aos jihadistas” pela France 24 alimenta, em alguma medida, um sensacionalismo que frequentemente caracteriza a cobertura ocidental sobre a África: cabe ao exército francês “caçar” os jihadistas e, conseqüentemente, reestabelecer a paz e a ordem na região. Em última instância, essa abordagem favorece, no imaginário dos ouvintes, leitores e espectadores, a ideia de imprescindibilidade de forças europeias em conflitos africanos. Além disso, o correspondente, na maior parte do tempo, dedica-se a discutir a capacidade das forças francesas e o motivo da escolha do avião de caça Mirage 2000 para a operação. Neste sentido, a reprodução de tal conteúdo pelo Guinée Matin soa problemática em função da ênfase dessa matéria. Ainda que essa abordagem faça sentido dentro do contexto midiático francês, pareceria mais pertinente para um veículo independente como Guinée Matin uma cobertura do

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.guinee360.com/12/02/2015/classement-de-rsf-sur-la-liberte-dexpression-la-guinee-102e-sur-180/?pr=36569&lang=fr>>. Acesso em: 22/06/2017

⁴⁹ Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/politique/mali-la-traque-des-jihadistes-rfi/>>. Acesso em: 20/06/2017

evento sob o ponto de vista menos “francocêntrico”, apresentando um outro tratamento para a operação das forças francesas e mencionando, por exemplo, o papel das forças malinesas e burquinenses neste conflito.

A segunda notícia selecionada é “Nigeria: 82 filles de Chibok retrouvent leurs proches”⁵⁰ (Nigéria: 82 meninas de Chibok reencontram seus parentes), publicada em 22 de maio. A matéria fala sobre a libertação de jovens nigerianas que, durante três anos, viveram como reféns do grupo fundamentalista islâmico Boko Haram. Além de apresentar um curto texto, a matéria reproduz o conteúdo de vídeo produzido pelo veículo France 24. Com duração de 1:08 minutos, a matéria se limita aos dados factuais, exibindo somente o reencontro entre as famílias e as moças resgatadas. Na cobertura da France 24, o reencontro é representado como uma grande celebração, onde as famílias reunidas dançam e cantam com alegria. Em relação aos depoimentos, somente duas pessoas foram entrevistadas pelo repórter da France 24: dois homens, ambos pais de diferentes meninas. A reprodução desse conteúdo por parte do Guinée Matin parece problemática em função de diversos aspectos: em primeiro lugar, a cobertura do veículo francês, ao exaltar somente o lado festivo do reencontro, corre o risco de vulgarizar um fato tão delicado e complexo como o confinamento de meninas por um grupo fundamentalista islâmico durante o período de três anos; em segundo lugar, a matéria deixou de lado a voz das meninas resgatadas, justamente as protagonistas da narrativa. É muito provável que a ausência desses depoimentos esteja relacionada ao fato de as meninas não terem podido conceder entrevista (proibição dos pais ou de psicólogos, por exemplo). Ainda assim, isso não significa que um jornalista local - da Nigéria ou da própria Guiné - não conseguiria ter um acesso mais facilitado às meninas, sobretudo por possivelmente conhecerem a comunidade e seus costumes minimamente melhor do que muitos jornalistas franceses.

A reportagem “Guerre contre le terrorisme au Nord Mali: le bataillon Gangan 3 se prépare à Kindia”⁵¹ (Guerra contra o terrorismo no norte do Mali: batalhão Gangan 3 se prepara para Kindia), publicada em 12 de junho, trata da preparação da terceira tropa guineense a ser enviada ao norte do Mali para o combate de grupos jihadistas. Diferente da

⁵⁰Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/nigeria-82-filles-de-chibok-retrouvent-leurs-proches-video/>>. Acesso em: 22/06/2017

⁵¹Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/guerre-contre-le-terrorisme-au-nord-mali-le-bataillon-gangan-3-se-prepare-a-kindia/>>. Acesso em: 22/06/2017

primeira reportagem, esta pauta traz o papel do exército guineense no conflito. Embora esta matéria seja da autoria de um correspondente do próprio *Guinée Matin* no Mali e informe sobre a agência de seus militares em um dos maiores conflitos da África Subsaariana, seu enfoque é a preparação que os soldados guineenses recebem das Nações Unidas para se unirem à missão dessa organização internacional. Enaltecendo os princípios das instituições envolvidas (ONU e Cruz Vermelha) e as falas de seus respectivos representantes, a matéria do *Guinée Matin*, apesar de não reproduzir o texto jornalístico ocidental, acaba reproduzindo sua retórica ao justificar a importância da formação para os soldados guineenses do batalhão Gangan 3:

Segundo os organizadores, o objetivo deste treinamento é promover uma melhor apreensão dos direitos humanos, do direito internacional humanitário e de gênero deste batalhão antes de saírem para o norte do Mali. O representante residente do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos na Guiné reiterou a importância deste encontro para os soldados guineenses. "Os direitos humanos são agora uma prioridade em operações de manutenção da paz das Nações Unidas. Eles são a base de todas as ações previstas nas áreas de segurança e desenvolvimento. Eles orientam as relações entre civis e militares, mas também entre as diferentes partes em um conflito armado (GUINÉE MATIN, 2017).⁵²

A última matéria a ser analisada é "Immigration: les Guinéens, Maliens, Sénégalais, Ivoiriens rapatriés de la Libye n'ont pas reçu l'argent promis par l'OIM" (Imigração: guineenses, malineses, senegaleses e marfinenses repatriados da Líbia não receberam dinheiro prometido pela Organização Internacional de Migração), publicada em 14 de junho. A notícia trata da repatriação de pessoas da África do Oeste que foram capturadas no Mar Mediterrâneo na tentativa de chegar à Lampedusa, na Itália, através da Líbia. De autoria de um jornalista guineense, do próprio *Guinée Matin*, a matéria traz uma abordagem bastante distinta daquelas utilizadas nos casos anteriores. Apesar de breve, a matéria traz o depoimento de dois repatriados de distintas nacionalidades, um da Guiné e outro da Costa do Marfim.

⁵² Tradução da autora. "Selon les organisateurs, l'objectif de cette formation est de favoriser une meilleure prise en compte des droits de l'Homme, du droit international humanitaire et du genre dudit bataillon avant leur départ pour le nord Mali. Le représentant résidant du Haut Commissariat des Nations Unies aux Droits de l'Homme en Guinée a rappelé l'importance de cette rencontre pour les soldats guinéens. « Les droits de l'homme constituent aujourd'hui une priorité dans les opérations de maintien de la paix des Nations Unies. Ils constituent le socle de toutes les actions planifiées dans les secteurs de la sécurité ainsi que le développement. Ils orientent les relations entre civils et militaire, mais également entre les différentes parties prenantes dans un conflit armé » (GUINÉE MATIN, 2017). Disponível em: < <http://guineematin.com/actualites/guerre-contre-le-terrorisme-au-nord-mali-le-bataillon-gangan-3-se-prepare-a-kindia/>>. Acesso em: 22/06/2017

Ousmane Diallo diz ter ficado oito meses na prisão da Líbia antes de ser repatriado. Ele disse que os magrebinos têm preconceito com os africanos negros. "Eles respeitam mais suas ovelhas do que os negros. O preto é uma mercadoria lá. Quando te pegam, eles te dão a outra pessoa, que te dá também a outra; eles querem sempre te vendê-lo de alguma forma. Portanto, aconselho a juventude guineense a ficar e trabalhar; porque enquanto há vida, há esperança ", ele disse (GUINÉE MATIN, 2017)⁵³.

Ao elencar uma pauta que traz a experiência desses repatriados de uma forma mais consistente, informando suas condições de vida, suas emoções, suas dificuldades e suas perspectivas de futuro, essa reportagem destaca-se em relação às três anteriores por aproximar-se do tipo de jornalismo que o Guiné Matin pretende produzir: independente, engajado e relevante para seu público.

A partir da análise da cobertura do Guinée Matin sobre a África Subsaariana, é possível afirmar que esse veículo midiático ainda encontra diversas barreiras para o empreendimento de um jornalismo livre e autônomo. Ainda que este site conte com um grupo de correspondentes de outros países da África, nota-se a grande dependência em relação ao conteúdo francês. Considerando que a maioria do conteúdo copiado dos veículos France 24 e Rádio França Internacional consistia em vídeo ou áudio, é possível constatar que o Guinée Matin ainda não consegue realizar um jornalismo multimídia independente. Tendo em vista que o veículo produz conteúdo textual independente, como foi mostrado na análise de "Immigration: les Guinéens, Maliens, Sénégalais, Ivoiriens rapatriés de la Libye n'ont pas reçu l'argent promis par l'OIM", o mesmo não ocorre para as linguagens audiovisuais muito provavelmente por conta da limitação de recursos (CONDÉ, 2017)⁵⁴.

⁵³Tradução da autora. "Ousmane Diallo dit avoir fait huit mois de prison en Libye avant d'être rapatrié. Selon lui, les Magrébins ne considèrent pas le noir. " Ils considèrent leurs moutons plus que les noirs. Le noir, c'est comme une marchandise là-bas. Lorsqu'on t'attrape, on te donne à une autre personne et celle-là aussi te donne à une autre; on te vend en quelque sorte. C'est pourquoi, je demande à la jeunesse guinéenne de rester et de travailler ; car, tant qu'il y a la vie, il y a l'espoir", a-t-il lancé (GUINÉE MATIN, 2017)⁵³. Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/immigration-les-guineens-maliens-senegalais-ivoiriens-rapatries-de-la-libye-nont-pas-recu-largent-promis-par-loim/>>. Acesso em: 22/06/2017

⁵⁴ Disponível em: <<http://guinee7.com/2017/05/02/journalisme-en-guinee-lenvers-du-decor-par-laye-mamadi-conde/>>. Acesso em: 22/06/2017

5 - CONCLUSÃO

Este trabalho buscou problematizar a conjuntura midiática internacional e as relações de poder que a entremeiam. Buscou-se, ainda, compreender a origem dessas relações no seio de uma estrutura colonial histórica, e as consequências disso no sistema de representações. Partindo da ideia de que a existência de uma mídia hegemônica ocidental é reflexo direto de um sistema proveniente da dominação colonial, o objetivo central dessa pesquisa foi compreender criticamente a forma como os veículos midiáticos da África Subsaariana cobrem o seu próprio continente. A hipótese levantada foi que essa mídia não estaria apresentando autenticidade no que diz respeito ao conteúdo jornalístico veiculado sobre o continente; pelo contrário, argumentou-se que a tendência observada na imprensa africana é a reprodução literal de conteúdo elaborado pelas grandes empresas de notícia ocidentais (como Reuters, BBC, Agence France Presse, entre outras). Diante dessa configuração, em que a audiência africana acessa, quase que exclusivamente, informações sobre seu próprio continente produzidas por um veículo outsider (conteúdo, muitas vezes, alienado e alienante), o projeto de um jornalismo africano emancipado, contra-hegemônico, que rompa com a subordinação aos veículos ocidentais, ainda enfrenta grandes barreiras.

As matérias do Graphic Online, A Nação e Guinée Matin mostraram, em sua maioria, que a reprodução do conteúdo da grande mídia ocidental ainda é a prática mais comum para a veiculação de notícias sobre a África Subsaariana. Nos três veículos estudados, ao menos metade das matérias sobre o continente, entre 15 de Maio e 15 de Junho, era cópia de um conteúdo ocidental, e uma parte considerável trazia pautas, abordagens e linguagens – um arcabouço discursivo, portanto – próprias do jornalismo hegemônico europeu e estadunidense. Por outro lado, é necessário comentar sobre as demais matérias, de autoria dos próprios jornalistas africanos, com pautas de relevância para a audiência africana. Estas matérias, apesar de serem minoria nas seções “África” desses jornais, são altamente significativas por, de alguma forma, representarem o esforço empenhado por estes veículos em exercer um jornalismo feito por africanos, e para africanos. Segundo Isheikwene (SY *apud* OLAWUYI, s.d.: 10), o primeiro movimento para esse novo jornalismo é entender o que de fato está sendo reportado:

De acordo com o Sr. Azubuike Isheikwene, Diretor Executivo do jornal Punch, a competência dos jornalistas africanos em reportar o continente só poderá ser notavelmente diferente quando demonstrarem familiaridade com suas histórias, culturas e povos; compreenderem os contextos; perceber que

seu jornalismo deve dar voz aos fracos, os vulneráveis e as minorias [e] mostrar consciência de que o cenário africano está mudando rapidamente que (SY *apud* OLAWUYI, s.d.: 10)⁵⁵.

Outro movimento necessário para essa virada jornalística, de acordo com Versi (*apud* OLAWUYI, s.d.: 10), é a veiculação de mais matérias positivas sobre o continente, tendo em vista a quantidade infinitamente superior de conteúdo negativo, tanto na mídia ocidental quanto na africana, o que reforça sua imagem estigmatizada – África como lugar da fome, da guerra, da doença, da pobreza, etc. É preciso mencionar, a propósito, que a veiculação de notícias positivas não deve se confundir com uma “lavagem” da imagem do continente (VERSI *apud* OLAWUYI, s.d.: 10). O objetivo dessa ação, diferente de “invisibilizar” os fatos ruins da África, é justamente dar visibilidade para os acontecimentos que a mídia ocidental – e conseqüentemente, a mídia africana, que reproduz seu conteúdo – não se interessa em cobrir. As matérias “Mali constrói 602 casas para seus cidadãos residentes nos EUA”, d’A Nação, e “African journals meet in Dar es Salaam over urbanisation challenges”, do Graphic Online, são dois dos exemplos analisados que caminham nessa direção.

Para o jornalista sul-africano Allison (2013), uma alternativa para essa nova abordagem jornalística é o compartilhamento de conteúdo interafricano, isto é, a mobilização de agências de notícia de todo o continente para o intercâmbio de notícias locais.

Por que veicular o que a Reuters tem escrito sobre as eleições liberianas quando você pode veicular o que o jornal *Analist*, da Libéria, tem escrito? Acordos de partilha de conteúdo seriam baratos e fáceis de arranjar. Eles iriam garantir um fluxo de matérias bem informadas focadas para o público local em vez do público estrangeiro (ALLISON, 2013)⁵⁶.

Além de proporcionar a autonomia do jornalismo africano em relação à grande mídia ocidental, o compartilhamento de notícias não é tão dispendioso, mostrando-se exequível para uma mídia cuja carência de recursos é um dos maiores desafios. Apesar de não ser tarefa fácil – exige um minucioso trabalho de edição -, o método de intercâmbio de conteúdo já pode ser

⁵⁵ Tradução da autora. “According to him [Mr. Azubuike Isheikwene, Executive Director of *Punch* newspapers], African journalists’ competence at reporting the continent can only be remarkably different when they demonstrate familiarity with its histories, cultures and peoples; understand context; realise that their journalism must give voice to the weak, the vulnerable and minorities [and] exhibit awareness of the African landscape that is changing rapidly (SY *apud* OLAWUYI, s.d.: 10)

⁵⁶ Tradução da autora. “Why run what Reuters has written about the Liberian elections when you can run what Liberia’s the *Analyst* newspaper has written? Content-sharing agreements would be cheap and easy to arrange. They would ensure a stream of well-informed stories aimed at a local rather than foreign audience” (ALLISON, 2013).

encontrado, segundo Allison (2013), no site AllAfrica.com⁵⁷. Pioneiro nesta metodologia, o AllAfrica agrega, produz e distribui cerca de 900 notícias diárias, provenientes de mais de 150 veículos de notícia africanos. Com representação em Dakar, Cidade do Cabo, Lagos, Monróvia, Nairóbi e em Washington (onde surgiu), o AllAfrica apresenta um sofisticado sistema de categorização de notícias – por país, tópicos e sub-tópicos.

Ao lado do AllAfrica, há algumas outras iniciativas que, em maior ou menor grau, têm exercido um jornalismo genuinamente africano. Embora casos como o de Guinée Matin, A Nação e Graphic Online sejam mais numerosos, seria falacioso afirmar que a totalidade da esfera midiática da África Subsaariana se enquadra nesse perfil. A fim de evitar incorrer em generalizações a respeito da mídia da África Subsaariana, torna-se fundamental a apresentação de alguns desses casos alternativos à metodologia de “copiar e colar”, representando uma perspectiva de transformação para os demais veículos.

A Agência Panafricana de Notícias (PANAPRESS)⁵⁸ é a mais antiga da África, tendo sido criada em 1979 pela União Africana. Ela surge com o intuito de promover a difusão de notícias independentes sobre os acontecimentos do continente.

Antípoda do sensacionalismo, a PANAPRESS informa diariamente sobre todos os feitos e gestos dos atores presentes na arena africana. Ela propõe igualmente análises que ajudam a compreender e explicar os êxitos e os fracassos, bem como a identificar os esforços mal sucedidos, conforme uma linha editorial que propõe ao leitor o máximo possível de dados a fim de lhe permitir construir a sua própria opinião. A sua vocação comercial e a sua transformação numa entidade autónoma quanto à sua gestão conferem à agência continental esta independência editorial que o liberta de todos os constrangimentos e pressões políticas, tanto no plano redacional como no da composição do seu quadro de pessoal inteiramente africano, selecionado com base em critérios exclusivamente profissionais (PANAPRESS)⁵⁹.

Oferecendo conteúdo em inglês, francês, português e árabe, a PANAPRESS possui sede em Dakar, no Senegal, e conta com mais de cem correspondentes, espalhados por mais de cinquenta países africanos. Além disso, possui escritório em Paris e Nova York (PANAPRESS).

⁵⁷ Disponível em: <<http://allafrica.com/>>. Acesso em: 22/06/2017

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.panapress.com/>>. Acesso em: 22/06/2017

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.panapress.com/>>. Acesso em: 22/06/2017

Outro veículo que merece destaque é a Arise TV, uma emissora nigeriana fundada por Nduka Obaigbena, editor dos veículos This Day Newspaper e Arise Magazine. Produzindo conteúdo integralmente autêntico, a Arise TV tem como missão refletir as experiências das comunidades desfavorecidas, reverberar as vozes da diáspora africana e engajar cidadãos de todo o mundo (ADUM ET AL, 2005: 4). A emissora é, hoje, uma das maiores do continente, gozando de grande projeção internacional; possui escritórios em Londres, Nova York, Lagos, Johannesburgo, Dakar, Nairobi, Dubai, Pequim, Nova Delhi, Los Angeles e Rio de Janeiro. Em 2013, lançou dois canais voltados para o público espectador da Europa. Deve-se mencionar, também, a Africa 24 Media⁶⁰, primeira agência de conteúdo audiovisual online da África. Criada em 2008 em Nairóbi, no Quênia, a agência reúne material (documentários, programas, séries, reportagens) de dezenas de profissionais do continente. Um dos programas para o qual a Africa 24 Media produz conteúdo, o African Journal, é dedicado somente a narrativas positivas sobre a África. O slogan da agência é “uma voz africana contando a estória africana”.

Complementarmente, a mídia diaspórica, empreendida pelos africanos e seus ascendentes que residem fora do continente, tem desempenhado papel fundamental nesse movimento de ressignificação das narrativas africanas. Para além do AllAfrica, mencionado acima, merece destaque a plataforma OkayAfrica⁶¹. Criado nos Estados Unidos, em 2011, o site se dedica a produzir e veicular conteúdo sobre artes, cultura e política, tanto dos países africanos quanto da diáspora (incluindo o Brasil). O objetivo dessa plataforma é, sobretudo, promover a chamada African New Wave, novo movimento que têm emergido, na África e na diáspora, com o objetivo de resgatar o tradicional e valorizá-lo ao lado do contemporâneo. Grande parte das matérias, portanto, cobre as últimas tendências e criações no âmbito do cinema, moda, música, etc. A plataforma, além disso, é bastante engajada em debates globais sobre racismo, democracia, direitos humanos, feminismo, entre outros, frequentemente trazendo pautas políticas para suas matérias (ELANSARY, 2013)⁶². Hoje, o OkayAfrica tem grande visibilidade não só nos Estados Unidos, mas na América Latina, Europa e na própria África.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.a24media.com>>. Acesso em: 22/06/2017

⁶¹ Disponível em: <<http://www.okayafrika.com/>>. Acesso em: 22/07/2017

⁶² Disponível em: <<https://www.one.org/us/2013/06/27/okayafrika-staying-in-touch-with-youth-culture-in-africa/>> . Acesso em: 24/06/2017

Merecem destaque, também, dois projetos brasileiros que têm ganhado bastante espaço na mídia alternativa e conquistado um público leitor bastante significativo. O primeiro deles é o Afreaka⁶³, criado em 2012, “amparado por concepções de comunicação para o desenvolvimento” (AFREAKA). Assim como o OkayAfrica, o Afreaka é uma plataforma digital que assume um perfil de jornalismo cultural. Da mesma forma, seu objetivo é veicular conteúdo sobre o “outro lado” da África, procurando dar espaço, sobretudo, a eventos, iniciativas e movimentos culturais que a mídia tradicional não se interessa em transmitir. O segundo é o Por Dentro da África⁶⁴, criado em 2013. Contando com colaboradores brasileiros, angolanos, guineenses, entre outras nacionalidades, o site produz conteúdo sobre a África e a diáspora para as mais diversas editorias – de negócios a meio-ambiente. Assim como o Afreaka, o Por Dentro da África visa, em última instância, à ressignificação da imagem do continente no senso comum de seus leitores, dando ênfase a pautas que tragam uma abordagem alternativa àquela que predomina nas mídias tradicionais.

Por último, é fundamental reconhecer as limitações que os leitores podem eventualmente identificar neste trabalho monográfico. Em primeiro lugar, o estudo de caso trabalha com um recorte geográfico relativamente restrito (três países da África do Oeste), e que não necessariamente contempla a real situação da totalidade da África Subsaariana, tão vasta e diversa. Adicionalmente, o formato desse trabalho monográfico não permite uma análise de caso com a extensão, minúcia e profundidade que a hipótese desta pesquisa demandaria. Portanto, a hipótese do trabalho busca ser respondida através da análise de somente doze matérias (quatro de cada um dos três jornais) – número insatisfatório. Mesmo assim, é importante, também, olhar para esse trabalho como uma tentativa – ainda que modesta – de romper as supostas fronteiras entre as subáreas das Ciências Humanas, promovendo um entendimento da Comunicação Social a partir de uma perspectiva interdisciplinar – porque, afinal de contas, está tudo conectado. Em última instância, uma tentativa de preencher lacunas ontológicas e epistemológicas no campo de pesquisa da Comunicação. A tentativa, por isso, é válida.

⁶³ Disponível em: < <http://www.afreaka.com.br/>>. Acesso em 24/06/2017

⁶⁴ Disponível em: < <http://www.pordentrodaafrica.com/>>. Acesso em 24/06/2017

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, C. An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'. *Massachusetts Review*, 1977.

ADUM, A. N.; EMMANUEL, N. M.; OJIAKOR, O. E.; Towards media of Africa by Africans and for Africans. *Journal of African Studies*, Mgbakoigba, v. 5, n. 1, 2004.

AFREKA. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/>>. Acesso em: 24/06/2017

AKOSAH-SARPONG, K. The Daily Graphic and the Enlightenment. 2010. Disponível em: <<http://thechronicle.com.gh/the-daily-graphic-and-the-enlightenment/>>. Acesso em: 15/06/2017

ALLISON, S. African journalism is being stifled by a lack of resources. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/mar/01/african-journalism-stifled-lack-resources>>. Acesso em: 10/06/2017

APPIAH, K. A. Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura. Editora Contraponto. 1997.

AYISI, F.; BRILLA, C. The Politics of Representation and Audience Reception: Alternative Visions of Africa. *Indiana University Press*, v. 44, n.2, 2013.

BARBOSA, M. S. Eurocentrismo, História e História da África. *Revista de História da África e Estudos de Diáspora Africana*. N.1. Jun. 2008. 18 p.

BOND, S. Neocolonialism and The Ghanaian Media: An In-Depth Look at International News Coverage in Ghanaian Newspapers, Television and Radio. *African Diaspora ISPs*. 1997.

BOUBACAR, E. Liberté d'expression 2016: La Guinée classée 108e, l'Amérique pire que l'Afrique. 2016. Disponível em: <<http://www.guinee360.com/20/04/2016/liberte-dexpression-2016-guinee-bas-tableau/>>. Acesso em: 22/06/2017

CONDE, L. M. Journalisme em Guinée: L'envers du décor. 2017. Disponível em: <<http://www.africaguinee.com/articles/2017/05/02/journalisme-en-guinee-l-envers-du-decor>>. Acesso em: 22/06/2017

DOMATOB, J.K. Sub-Saharan Africa's Media and Neocolonialism. *African Media Review*, vol. 3, n. 1, 1998.

DIALLO, A. O. D.; SANTOS, C. Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano. 2008.

ELANSARI, H. Okayafrica: staying in touch with youth culture in Africa. 2013. Disponível em: <<https://www.one.org/us/2013/06/27/okayafrica-staying-in-touch-with-youth-culture-in-africa/>>. Acesso em: 24/06/2017.

FREIRE, J. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. *ECO-PÓS*. 2004, v. 7, n. 2, p.45 – 71, 2004.

GATHARA, P. If western media gets Africa wrong, who gets it right?. 2014. Disponível em: <<http://https://www.theguardian.com/world/2014/jan/24/africa-media-who-gets-right>>. Acesso em: 11/06/2017.

GLOBO, O. Alpha Condé é eleito presidente de Guiné. 2010. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/alpha-conde-eleito-presidente-de-guine-2925113>>. Acesso em: 22/06/2016.

GOUESET, C. Chronologie de la Guinée (1952-2010). 2010. Disponível em: <http://www.lexpress.fr/actualite/monde/afrique/chronologie-de-la-guinee-1952-2010_836207.html>. Acesso em: 22/06/2017.

GRAPHIC ONLINE. Many missing in Nairobi building collapse. 2017. Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/many-missing-in-nairobi-building-collapse.html>>. Acesso em: 20/06/2017.

GRAPHIC ONLINE. Pope demands Nigerian priests' obedience over Ahiara bishop. 2017. Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/pope-demands-nigerian-priests-obedience-over-ahiara-bishop.html>>. Acesso em: 20/06/2017.

GRAPHIC ONLINE. African journos meet in Dar es Salaam over urbanisation challenges. 2017. Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/african-journos-meet-in-dar-es-salaam-over-urbanisation-challenges.html>>. Acesso em: 20/06/2017.

GRAPHIC ONLINE. Museveni warns against torture use. 2017. Disponível em: <<http://www.graphic.com.gh/international/africa/museveni-warns-against-torture-use.html>>. Acesso em: 20/06/2017.

GUINÉE MATIN. Immigration: les guinéens, maliens, senegalais, ivoiriens repatriés de la Lybie n'ont pas reçu l'argent promis par l'OIM. 2017. Disponível em:

<<http://guineematin.com/actualites/immigration-les-guineens-maliens-senegalais-ivoiriens-rapatries-de-la-libye-nont-pas-recu-largent-promis-par-loim/>>. Acesso em: 22/06/2017.

GUINÉE MATIN. Guerre contre le terrorisme au nord Mali: le bataillon Gangan 3 se prépare à Kindia. 2017. Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/guerre-contre-le-terrorisme-au-nord-mali-le-bataillon-gangan-3-se-prepare-a-kindia/>>. Acesso em: 22/06/2017.

GUINÉE MATIN. Mali: la traque des jihadistes (RFI). 2017. Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/politique/mali-la-traque-des-jihadistes-rfi/>>. Acesso em: 22/06/2017.

GUINÉE MATIN. Nigeria: 82 filles de Chibok retrouvent leurs proches. 2017. Disponível em: <<http://guineematin.com/actualites/nigeria-82-filles-de-chibok-retrouvent-leurs-proches-video/>>. Acesso em: 22/06/2016.

HALL, S. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Editora UFMG. 2003.

KI-ZERBO, J. Introdução. In: História Geral da África I. 2013.

LABORNE, A. P. Branquitude e Colonialidade do Saber. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 2014.

MBEMBE, A. What is postcolonial thinking? 2008. Disponível em: <<http://http://www.eurozine.com/what-is-postcolonial-thinking/>>. Acesso em: 22/05/2017.

MOUMOUNI, C. L'image de l'Afrique dans les médias occidentaux: une explication par le modèle de l'agenda-setting. *Les cahiers du journalism*, n. 12, 2003.

NAÇÃO, A. Mali constrói 602 casas para seus cidadãos residentes nos EUA. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/05/19/mali-constroi-602-casas-seus-cidadaos-residentes-nos-eua/>>. Acesso em: 20/06/2017.

NAÇÃO, A. Moçambique: PR nos EUA com recursos naturais na agenda. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/06/14/mocambique-pr-nos-eua-recursos-naturais-na-agenda/>>. Acesso em: 20/06/2017.

NAÇÃO, A. Moçambique sai da “lista negra” da segurança aérea da União Europeia. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/05/17/mocambique-sai-da-lista-negra-da-seguranca-aerea-da-ue/>>. Acesso em: 20/06/2017.

NAÇÃO, A. São Tomé e Príncipe: Portugal dá crédito de dez milhões de euros. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/06/06/sao-tome-principe-portugal-da-credito-dez-milhoes-euros/>>. Acesso em: 20/06/2017.

NAÇÃO, A. Sobre. 2014. Disponível em: <<http://anacao.cv/sobre/>>. Acesso em: 19/06/2017

NEW INTERNATIONALIST. The Big Four: The new information order, the international news agency. 1981. Disponível em: <<http://https://newint.org/features/1981/06/01/four/>>. Acesso em: 8/05/2017.

NOTHIAS, T. Definition and scope of Afro-pessimism: Mapping the concept and its usefulness for analysing news media coverage of Africa. *African Studies Bulletin*, n. 74, 2012.

OGUH, C. Representation of Africa in the Western Media: Still a 21st Century Problem. 2015.

OLAWUYI, E. If western media got Africa wrong, how right is African media reporting Africa?. Sem data.

PANAPRESS. Novo jornal privado lançado em Cabo Verde. 2007. Disponível em: <<http://www.panapress.com/Novo-jornal-privado-lancado-em-Cabo-Verde--12-422603-89-lang4-index.html>>. Acesso em: 19/06/2017

POR DENTRO DA ÁFRICA. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/>>. Acesso em: 24/07/2017

SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, B. de S. Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial – E para além de um e de outro. In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra. 2004.

SEAY, L. Comment les médias américains couvrent l'Afrique. 2012. Disponível em: <<http://http://www.slateafrique.com/86773/afrique-journalisme-occident-presse-medias>>. Acesso em: 10/05/2017.

SHAW, I. S. Towards an African journalism model: A critical historical perspective. *International Communication Gazette*, 2009.

SKJERDAL, T. S. The three alternative journalisms in Africa. *The International Communication Gazette*, 2013.

UNESCO. Guia em português. In: Coleção História Geral da África, 2011.